

# 20º LIVRO DAS SECAS

OTTO GUERRA

(Seleção e organização)

*Edição especial para o Acervo Virtual Oswaldo Lamartine de Faria*



**Banco do  
Nordeste**



FUNDAÇÃO  
VINGT-UN ROSADO  
COLEÇÃO **MEM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

---

## *ÍNDICE*

1. O problema da Ordem Jurídica e Social do Nordeste.....	05
Otto Guerra	
2. Os Tabuleiros e Vales do Agreste.....	35
Eloy de Souza	
3. Crime e Castigo .....	40
Eloy de Souza	
4. Não estamos desamparados .....	46
Eloy de Souza	
5. O Grito e a Boiada .....	51
Eloy de Souza	
6. A Macambira .....	58
Eloy de Souza	
7. Origem do Algodão Mocó .....	62
Eloy de Souza	
8. Jerônimo Rosado.....	66
Eloy de Souza	
9. A Extinção do Gambial.....	68
Eloy de Souza	



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

---

10. Milagres da Açudagem .....	72
Eloy de Souza	
11. Gâmbia e Malária.....	76
Eloy de Souza	
12. Estrada de Ferro Sampaio Correia .....	80
Juvenal Lamartine	
13. Política Ruralista: O Vale do Açúcar.....	85
Juvenal Lamartine	
14. Ligação Rodoviária Caicó-Pombal .....	88
Juvenal Lamartine	
15. Retardadas as Obras de Recuperação do Estado.....	91
Juvenal Lamartine	
16. Penetração do Seridoense .....	94
Juvenal Lamartine	
17. Municípios do Seridó: Serra Negra.....	98
Juvenal Lamartine	
18. A Pecuária Norte-Rio-Grandense .....	103
Juvenal Lamartine	
19. Municípios Seridoenses: São Vicente.....	108
Juvenal Lamartine	



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
VINGT-UN ROSADO**  
**MS  
SEM**

COLEÇÃO MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

---

20. Ainda os nossos Vales Úmidos..... 111  
Juvenal Lamartine
21. O Rio Grande do Norte na Economia Nacional..... 114  
Juvenal Lamartine
22. A Influência do Padre na Vida Política e Social do  
Seridó..... 118  
Juvenal Lamartine
23. A Criação de Gado Miúdo – Cabra e Carneiro ..... 121  
Juvenal Lamartine
24. O Comércio do Rio Grande do Norte ..... 125  
Juvenal Lamartine
25. Importância Social e Econômica do Açude ..... 132  
Felipe Guerra
26. As Secas no Rio Grande do Norte ..... 137  
José Augusto



**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO  
COLEÇÃO  
MS  
SEM

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

---

## ***O PROBLEMA DA ORDEM JURÍDICA E SOCIAL DO NORDESTE***

***OTTO GUERRA***

*(Conferência pronunciada na Faculdade de Direito do Recife em 1933)*

“O modo pelo qual se efetuou a criação do nosso país, deu como resultado o haver, dentro de nós, ao mesmo tempo, o homem novo, impetuoso, sem compromisso e o homem velho, preso às tradições européias. Daí o conflito de duas tendências inatas e contrastantes. Um Floriano Peixoto e um Rui Barbosa, um Euclides da Cunha e um Machado de Assis, o sertanejo do cangaço e o doutor de São Paulo, do Rio e do Recife. Terras incultas e abandonadas, terras cultivadíssimas e caras” – Cândido Motta Filho. – “Alberto Torres e o Tema da nossa Geração”.

Cada etnia, cada povo tem as suas características inconfundíveis. Qualidades que o distinguem das outras gentes. Nestas outras, é verdade, também podem aparecer: todos somos de carne e osso... Mas em doses muito mais fracas.

O brasileiro não deixa de possuir as suas. E boas. Como também os seus defeitos: esses arrancos momentâneos, seguidos de esfriamento quase total, imprimindo a nota de descontinuidade em nossos empreendimentos, esse individualismo terrível, principalmente porque disfarçado. Mas, agora, caemos estes,



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

remediáveis, para examinar duas daquelas: a familiaridade e a hospitalidade, resultante lógica da primeira.

Nada nos tem apagado essa verdadeira “marca de fábrica”. Nem o tempo Atila terrível, na imagem do poeta. Nem a civilização, em cujo nome se combatem as tradições mais lindas. Nem mesmo grande milagre! Essa mania absurda de copiar hábitos de outros povos.

A familiaridade contínua. Talvez toque ao exagero. Mas é adorável. E, bem dirigida, vencerá, por fim, a tendência à dispersão, ao individualismo, tão nossa, paradoxalmente.

Indivíduos que, dois minutos antes, nem de longe se conheciam, daí a pouco ao primeiro encontro, parecem velhos camaradas. E é “você” para aqui, “você” para acolá, tudo numa confiança, numa franqueza adoráveis. Sem falar o complemento indispensável, o bom, o cantante riso nacional. Uma gaitada boa, dobrada, ruidosa, feliz...

A própria natureza favorece as expansões. Esses dias claros, de muito sol, limpos, são mesmo de alegria contagiosa. E quando se revêem dois bons amigos, lá vai um abraço acochado, longo, tão quente como os mesmos trópicos.

Se não aparecer o conhecido, nem por isso o nosso homem em se recolhe. Para que a familiaridade, se não para ocasiões semelhantes? Arranja um meio de puxar conversa, ao topar de jeito com a primeira pessoa.

O brasileiro não sabe estar só. Vendo uma roda animada, vai se chegando, se chegando e, quando menos cuida, está no



**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

meio. Pode ser de gente que nunca viu. Pouco se lhe dá. Pois daí a pouco já conhece todos. E toma parte ativa na conversação.

Na sabe ser frio. Nem reservado. Isso fica lá para outros povos. É sacudido, é impetuoso como as torrentes troantes da sua terra. Ama a vida, o movimento, não gosta de muitas etiquetas, nem de muitas cerimônias. Tem uma “piada” feliz para todos os momentos, ainda mesmo difíceis. Ao personagem mais circunspecto, vai logo tratando de amigo e lhe dando pancadinhas amáveis ao ombro...

Com esse gênio tão dado, tão franco, o brasileiro só poderia mesmo ser cativantemente hospitaleiro. Não faz cara feia ao desconhecido, ao estrangeiro. Recebe-o prazenteiramente. E quando este menos espera, lá se vê apertado, num braço afetuosos... Gente boa para gostar de abraçar!

Se, nas cidades, o povo é assim, imagine-se agora nos sertões. O sertão é uma espécie de sala de refeição do país. As visitas de cerimônia, os turistas não são levados até lá. E não tendo passado do litoral, a sala de frente mais enfeitada e, também, menos natural, metem-se a escrever sobre o Brasil. Mesmo quando não mentem descaradamente, lhes é impossível dizer toda a verdade. Não auscultaram o coração do país, não foram ao sertão, onde permanecem puras, boas como outrora, as nossas tradições mais legítimas, base irremovível na estruturação da nacionalidade.

No interior brasileiro, o lar, por pobre que seja, escancara as suas portas, a ninguém negando hospitalidade, outrora principalmente, quando não existiam hotéis e pensões. Na casa do



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

sertanejo de posses medianas e até mesmo abaixo disso, há sempre o “quarto dos hóspedes”, costume velho, a recordar os tempos coloniais, descritos por ilustres viajantes estrangeiros.

Havia mesmo e hoje ainda, nos pequenos centros, disputas interessantes, ciúmadadas entre as famílias locais, cada qual querendo a honra da hospedagem e ai de quem desprezasse os convites! Passava por orgulhoso, “visto não fazer conta dos pobres”...

O sertanejo pratica muito bem, indo até ao sacrifício, os deveres da hospitalidade.

Estou a me lembrar, saudoso, do seu primeiro cuidado: passar logo uma rede grande, cheirosa, para se estirar o espinhaço... Falo do sertanejo nordestino, meu conhecido velho, meu amigo, porém sei que não existem, palpáveis, diferenças maiores entre este e o das outras regiões do país.

No começo (é curioso) ele fica meio arredio, enfiado mesmo, a não ser para os íntimos. A “lordesa” do hóspede, sua fama de cidadão, infundem-lhe um misto de respeito e escrúpulo. De respeito, sobretudo, ele é que parece o hóspede.

Mas este sentimento só durará enquanto o visitante quiser. Poderá de pronto afastá-lo, pondo de lado, dentro dos limites razoáveis, naturalmente, qualquer cerimônia, ou, na frase típica, fazendo-se de casa.

Ai pronto. Arranjou companheiro insubstituível para dias inesquecíveis. Incansável na conversa, fértil em narrações e, também, sequioso de novidades.





**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

Só assim poderá conhecer, de fato, o sertanejo. E ouvir, cheio de prazer, uma palestra simples, ingênua por vezes, mas sempre boa e atraente.

Se o hóspede for um tanto reservado, receando causar aborrecimentos, incômodos, é um martírio para o povo da casa. Todo ele sentir-se-á constrangido. Nem por isso, é certo, deixará de preencher todos os deveres da hospitalidade sertaneja. Todos menos um: as palestras longas, sempre originais e proveitosas.

Quando o hóspede der as costas, todos sentirão alívio. E surgirá, infalível, o comentário seguinte: - Mas, que homem cheio de “bondade”!

Ele abusou da distinção. Essa atitude não o recomendou. Para agradar, seria preciso não ter “bondade”, isto é, mostrar-se acessível, comunicativo, dar atenção a todos, sem cerimônias, mas também sem liberdade. Este, para o sertanejo, é que é, “o bicho”, é que é o “homem” porque... não tem “bondade”.

Pois bem. É nesse ambiente assim, pacato, simples, é no meio dessa gente franca, tão boa, meio ingênua, que nascem e que se formam os cangaceiros.

Todos nós conhecemos a crônica movimentada de uma dúzia de nomes celebres. É Ataíde do Piauí. São os Mourões e Moquecas, duas famílias terrivelmente rivais, do Ceará. É Jesuíno Brilhante, do Rio Grande do Norte. São os Guabirabas, da Paraíba. É Antonio Silvino, é Lampião, de Pernambuco.

Mas é preciso esmiuçar particularmente. Suas façanhas correm todas as ribeiras nordestinas, do Jaguaribe, do Apodi, do Piranhas, para só citar algumas, formando o ciclo heróico do



**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

nosso folclore, em milheiros de versos decantados ao som das violas, no terreiro das casas.

E essas estrofes, de feitura espontânea, natural, obedecendo, porém, a uma técnica mais ou menos perfeita, muito nos auxilia na representação da vida social sertaneja. Descambam facilmente para o inverossímil. Mas isto é comum a todas as epopeias, quer se chamam *Ilíada*, *Eneida*, gestas de Boidão, quer *Lusíadas*, ou *Canção de Antonio Silvino*...

Porei de lado, entretanto, a individualidade rústica de cada um desses “heróis e bandidos”. Salvo uma ou outra exceção, necessária para maiores esclarecimentos, conservar-me-ei no terreno das generalizações.

Contraste vivo, é difícil retratá-los. Representam a síntese, ou melhor, (empregando o termo no sentido técnico) a mistura de dois sentimentos opostos, bondade e maldade, numa ebulição constante. Não se sabe quando apontará o primeiro, nem quando irromperá o segundo. Pois eles não se fundem, não se anulam, nem, muito menos, se disfarçam, nos “despistamentos” hipócritas, muito do gosto de tantos civilizados. Apresentam-se em seu estado nativo, sem meios termos. Ou bons de verdade, ou maus também de verdade. Conforme o instante.

Não constituem, é certo, um tipo único de delinqüentes. Mas não vale a pena tentar, sequer, enquadrá-los numa das classificações conhecidas, sempre falhas.

Conhecendo-se-lhe a crônica, tem-se a convicção plena de que, em muitos casos, outros e não eles são os verdadeiros culpados. Além disso, perfeitamente adaptáveis à vida social co-



**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

num, não encerrariam periculosidade alguma, se encarados em função do seu meio. Este, sim, com seus preconceitos, os leva a essa vida aventureira. E muitas e muitas vezes o alto, o governo é, direta ou indiretamente, o culpado verdadeiro.

Não falo de todos os cangaceiros, está claro. Também no sertão existem os irreformáveis, muito embora em proporções ínfimas, sobretudo se comparados aos delinquentes dos grandes centros. Destes não trato.

Vou apenas falar dos outros.

Antes, quero apresentar, em duas palavras, instantâneos da atormentada vida no interior brasileiro. Mostrar como a estreiteza ou a maldade da nossa política aumenta o número de cangaceiros.

Não são dois nem três os pedidos de auxílio, os incentivos dos subchefes ou chefes locais, e até mesmo de gente mais alta e mais de longe, que levam, ou mesmo que forçam o sertanejo a cometer a primeira violência, quase sempre contra o adversário de partido.

A polícia movimenta-se. Abres-se o inquérito. E a culpa inteira cai sobre o pobre mandatário... Diante daquela justiça desigual, ele não se conforma. A cadeia é um labéu. Revoltado, prefere cometer outra violência. E ganha depois as serras. Alícia companheiros, vítimas da prepotência de outros mandões, que lhes sacudiam, por um motivo qualquer, denúncias incabíveis...

O sertanejo não quer muitos negócios com a justiça. Para ele, a sua figura se incama, sempre, no soldado de polícia, ou na cadeia. Muitas vezes não é fato singular, ela se objetiva em de-



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
SM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

formação mais grave ainda. Não discuto culpabilidade na criação do conceito.

Mostro, apenas, a sua existência, documentada com o verso ferino:

“Ora, diga que fazenda  
Pode um homem ajuntar,  
Vivendo sempre em lutas  
E sem poder trabalhar,  
Gastando com a justiça  
Para poder se livrar?...  
Mas, o motivo deve existir...”

Nem mesmo como testemunha quer servir. Julga-se desonrado em se ver, seja como for, às voltas com a justiça criminal. E essa qualidade é mesmo uma das parcelas da soma de admiráveis predicados que, ao lado de preconceitos, filhos do meio, o sertanejo enumera, orgulhoso, quando se julga ferido em sua dignidade: Eu nunca servi de testemunha!

E os processos forçicados? E as injustiças clamorosas? E o abandono quase completo? E a vida incerta de alguns povoados, em que não se sabe quem mais sofra, se o pobre sertanejo, se a autoridade honesta?

Tudo isto já se incorporou às crônicas do passado, restando, hoje, apenas, a fugitiva lembrança? Prouvera Deus o fosse...

Mas seria primarismo dizer que a culpa do fenômeno é de certas individualidades, substantivamente. O mal é muito mais



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

profundo e complexo. Prende-se àquela alheação aos problemas vitais, concretos e oportunos, tão comum entre nós, já proclamada por Alberto Torres, ao estudar os problemas nacionais.

Quero, agora, ilustrar com dois exemplos as presentes considerações.

O primeiro é narrado por Gustavo Barroso.

Em sua fazenda “Saco dos Bois”, sertão de Pernambuco, vivia o capitão José Antônio. Município de Afogados de Inga-zeira.

Pleno segundo império.

Chefe político, interessava-se honradamente pela vitória do seu partido. Em certa eleição, houve barulho grosso. O chefe adversário responsabilizou-o por tudo: a política do fazendeiro José Antonio estava debaixo. Ele não se conformou. Não se via culpado. Não se entregaria à justiça. E resistiu às perseguições, amatulou cangaceiros. Um dia, aborreceu-se daquela vida, largou-se dos sertões e foi à corte, pedir indulto.

E Dom Pedro perdoou...

Jamais esquecerei a história comovente de Luiz, dos com-parsas mais moços de Lampião. Foi-me contada por um tio ma-terno. Antonio Gurgel do Amaral, prisioneiro, por meio mês, da horda sinistra. Caiu-lhes nas mãos, bem como dois outros tios meus, próximo à fazenda de seu pai, no Brejo do Apodi, Estado do Rio Grande do Norte, em 12 de junho de 1927.(1)

Pela soltura dos dois irmãos e pelo compromisso de não atacarem o “Brejo”, sitio do meu avô, e ainda, pela sua própria liberdade, exigiram-lhe vinte e um contos de réis. Mas enquanto



**Banco do  
Nordeste**



*O nosso negócio é o desenvolvimento*



FUNDAÇÃO  
FUNGT-UN ROSADO

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

não recebessem o dinheiro, meu tio ficaria entre eles, como refém.

Assim, ele esteve no ataque a Mossoró. Foi conduzido para os sertões cearenses. Em Limoeiro, fotografado em meio dos cangaceiros. Teve de substituir, por vezes, Lampião, nas bancas de jogo, em que balas de fuzil (de fuzil mauser, do exército, veja-se bem), servial de fichas. Presenciou a curiosa disciplina do chefe, cuja voz somente era ouvida, como tal, na hora dos combates. Fora destes, a igualdade absoluta, as alterações, os desaforos rudes. Mas, naqueles, a obediência militar. E, por vezes, rolavam no capim, em meio dos tiroteios, buscando abrigo nas locas de pedras.

Afinal foi solto, mesmo sem o pagamento dos vinte e um contos, num cerco apertado, em que forças policiais gritavam: “soltem os prisioneiros, não sejam covardes”.

O portador do resgate jamais se encontrara com o bando, cuja vida incerta e aventureira não permitia demorar-se em ponto algum.(2)

Num dia de tréguas, o prisioneiro estava sentado, a pensar em sua terrível situação. Sozinho, sem conforto algum, longe de casa, sujeito a receber um balaço doido, a qualquer momento... E o próprio ambiente predisporia qualquer um a tristes cogitações.

A terra desnuda, cheia de pedregulhos, sem o menor ar de vida. Ave nenhuma, gado muito menos. Os rios completamente secos, areias alvíssimas ao sol, esquentado que nem brasa. E tudo parado. Nem o cantar perdido de um galo. Os lares aban-



**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

donados, ante o receio do bando. Só o barulho do vento, zunindo quase em cessar na galharia desfolhada... E o poeirão levantava-se, doido, a rodar.

Ele estava nesse mar de cogitações, quando viu Luiz sozinho, meio longe dos camaradas. Aquele rapaz diferia dos outros. Não saqueava brutalmente. E, além disso, por mais de uma vez, nas longas caminhas, em que a sede o atormentava, Luiz, privando-se até, lhe chegara à boca o cantil os últimos goles d'água. Era um desses cantis do exército, que compravam até a cem mil réis.

Acercou-se dele: - Diga-me uma coisa, Luiz, por que você entrou no cangaço? - Ah! coronel, foi meu padrinho quem me botou...

E o afilhado de um dos lugares tenentes de Lampião, o célebre Sabino, desfilou sua história:

Nascera da Paraíba. Vivera nos sertões de lá, com seu padrinho. Este, bodegueiro, fora protegido de um potentado, que certo dia precisou dos seus "trabalhos", para surrar um desafeto. Sabino recebeu a incumbência, levando consigo, entre outros, o afilhado. Fora o primeiro passo. Seguiram-me novas surras, mortes... Tornaram-se bandoleiros.

Mas aquelas recordações o molestavam, visivelmente, e ele procurou desviar o assunto:

- O coronel tem família?
- Tenho, sim. Pai, mãe, esposa, filhos... E até mesmo uma netinha.
- Já tem netos?
- Já.



**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

Ele o fitou uns instantes. Depois, abrindo a bolsa, uma dessas bolsas arredondadas, cheias de compartimentos, o couro artisticamente bordado, que o sertanejo nordestino conduz a tiracolo, arrancou lá de dentro uma coisa qualquer, embrulhada num papel velho. E brilhou naquelas mãos grossas, acostumadas a lidar com armas de fogo, o ouro duma linda moeda. Antiga, do Brasil Colônia.

- Tome, coronel, quando se livrar daqui, dê à sua netinha.
- Ora, Luiz, isso vale muito. Guarde.
- É... Já me falaram em sessenta mil réis, porém eu sei que coisa de bandido não vale nada, não... Tome.

E entregando-a, afastou-se, cabisbaixo.

Bem sei que nem todos se apresentam com tamanha auréola de simpatia. Mas também sei, torno a repetir, que muitos deles salvo exceções, estreadam no crime arrastados por circunstâncias ocasionais, vítimas da rusticidade e preconceito do seu meio e, principalmente, da incompreensão ou do abandono dos poderes públicos.

Dáí as palavras justíssimas de Gustavo Barroso: “Porque assim são, e em outro meio, com outras diretivas e impulsos, suas qualidades os fariam úteis, dedicados e grandes os chamam os Heróis e Bandidos, certos de que, muita vez, são mais bandidos do que heróis, porém, quase sempre, mais heróis que bandidos”.

Minha restrição única é dizer que não precisam ser retirados do seu meio, sem lhe desconhecer os defeitos e tanto que os venho apontando cruamente, encontro neles, também, e sobretudo-





**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

do, uma auréola de energia e de virtude. Suas falhas são perfeitamente corrigíveis: transportes e educação.

Para se estudar a causa histórica do cangaceirismo seria preciso volver aos primeiros séculos da nossa existência. E acompanhar a epopéia grandiosa, melhor talvez, a tragédia brutal da colonização.

Seria o movimento de preliminarmente, estudar a organização da defesa na Colônia. De lembrar a legislação que ordenava a todos os donatários, senhores de engenho e mesmo a cada morador, viverem armados, sujeitos a penas severas os infratores, referindo-me, também, àquelas torres do litoral, atalaia contra os piratas e contras os selvagens, postos de policia da costa, uma das quais seu nome à celebre Casa da Torre, dona de meio Brasil. Necessidades da época, é sabido, e de influência decisiva no ânimo daquelas gentes que, dentro em breve, se largariam dos litorais, afundando-se nos sertões.

O vaqueiro e o criador, conquistando ao gentio o vale do São Francisco, se despejaram, daí, em ondas, baianas ou paulistas, por toda a região seca, alcançando as cabeceiras dos vários rios. Mas isto sem descanso algum, topando pela frente, pelos flancos, ameríndios e onças.

Fixaram-se, fundando suas fazendas e currais, mas a índia não os deixava em paz. O estorço formidável dos missionários, a quem tanto devemos e de cujas “missões”, todos reclamam a história, desde o insuspeito Capistrano, o saudoso Licínio Cardoso, ao nobre espírito de Tristão de Ataíde, o qual, não desconhecendo este tato, acha, entretanto, não haver ainda “nenhum



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

grande historiador, entre nós, que desse a esse fator a importância que lhe compete”. (Estudos 4º série); a boa vontade de alguns capitães da conquista, outros grandes heróis do povoamento, lançava tratados de paz, com os chefes de várias tribos, que duravam pouco. Não serenavam as desconfianças de parte a parte. Não admira, ainda hoje, nos países civilizados com diplomatas e Sociedade das Nações, e a mesmíssima coisa...

E assim, viviam constantemente em pé de guerra. Não se sabe qual o mais terrível em suas vinganças, se o colonizador, se o gentio. Este, ao menos, era o primitivo senhor da terra, da qual vinha sendo despejado, e, além disso, no seu parecer, o gado constituía animal de caça, insusceptível de propriedade privada... Os fazendeiros, seus vaqueiros, cansados do trabalho imenso, naturalmente não concordavam e a guerra feroz decidiria de quem o final triunfo.

Por outro lado, as secas também forçavam os silvícolas a caírem sobre a gadaria. Sempre seria melhor do que buscarem os cajus do litoral.

Porém a causa principal de suas arremetidas foi a perseguição tenaz, da parte dos conquistadores.

E todos estes fatores, multiplicando-se, fizeram estalar na capitania do Rio Grande do Norte uma das mais terríveis e duradouras sublevações da história nordestina e quiçá, brasileira.

Desde 1635 iniciaram-se as correrias dos selvagens, ainda com o fogo da proteção dos batavos, há pouco expulsos e que tantos males fizeram a colonização incipiente, destruindo, com



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

suas perseguições e horrores, os primeiros focos econômicos e sociais.

Assanhados como nunca, principiaram, os índios, a talar fazendas e pastagens. Amiudaram-se os assaltos. Veio, por fim, a sublevação geral. A ribeira do Açu, onde malhavam os bravos janduí, constituiu o grosso da revolta. E a ribeira do Apodi também pegou fogo. Continuando seu caminho para oeste, o rastilho atravessou a chapada e varreu a ribeira do Jaguaribe. Para o sul, subindo o Piranhas, o Piancó, enquanto para leste, nem mesmo os habitantes de Natal tinham sossego. Os confederados rondavam perto.

A capitania apelou para tudo e para todos. Até para Lisboa, diretamente, por mais de uma vez. Foram publicados bandos, convidando criminosos, degradados, de Sergipe ao Rio Grande do Norte, a combaterem, obtendo como prêmio o perdão. E vieram, também, terços de paulistas. E veio o terço dos Henriques.

Mas somente com Bernardo Vieira de Melo, empossado em 1696, voltou à paz a capitania. Mais de dez anos de lutas brutais e continuas. De sorte que só no século 18, foi possível desenvolver colonização à capitania.

Pois bem, se o próprio governo recorria a criminosos para dominar agitações, não é de admirar fizessem outro tanto os colonizadores.

O meio moral e materialmente inculto, hostil e selvagem, nota o desembargador Felipe Guerra, exigia pessoal capaz de todas as empresas, fosse para, em seu covil, exterminar a fera



**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

que dizimava o rebanho da fazenda, fosse para dilatar domínios ambicionados, fosse para fazer face a um rival, fosse contra índios, quilombolas, etc.

Os mais destemerosos, mais corajosos, os mais insensíveis às desgraças e sofrimentos próprios ou alheios eram elementos de grande valia para a luta, instrumento cego de patrões, “amos”, nem sempre dotados de sentimentos e instintos melhores. (Ainda o Nordeste).

Por outro lado, quem analisa o espírito daqueles tempos em que o Brasil amanheceu, não desconhece o rigorismo das Ordenações, o peso da autoridade do pater famílias, nem o cunho individualista, sequioso de liberdades, do europeu de então. E esse homem, atravessando o Atlântico, chegou ao Brasil trazendo-nos todo o estilo, todas as fórmulas, todos os preconceitos e prejuízos da civilização ocidental. (Motta Filho – Alberto Torres e O Tema da nossa Geração).

Desembarcado, em breve ganhou os sertões. Isolaram-no as distâncias no domínio real. Daí o “particularismo” da sua formação. Eram gânglios autônomos, que socialmente assumiram, pelo fundo espiritual de seus membros e, sobretudo, pela própria necessidade, feição patriarcal. E nasceu, bem nosso, um regime curioso: o particularismo grupalista, explicação para muitos fatos da sociedade rural brasileira. Quer os senhores, donos das sesmarias, quer os seus agregados, tiveram de ser rudes como a própria terra, ombreando-se, igualando-se na mesma lida incessante, constituindo a democracia mais natural e também mais interessante que conhecemos. Uma “democracia



**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
YING-TUN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

de hábitos”, que independia de fórmulas e de teorias, de institutos políticos e de expressões formais, cristalizadas nas letras da lei”, na expressão de Plínio Salgado. (Psicologia da Revolução).

Esta que ainda perdura, nos sertões brasileiros, onde não se vêem desigualdades de classe; vivem todos, proprietários, moradores, ou rendeiros, em união admirável, irmanados nas mesmas canseiras, nas mesmas dificuldades econômicas, nos mesmos sentimentos religiosos e, principalmente, no mesmo abandono cruel... (3)

A figura singular dos primitivos capitães da conquista mereceria um estudo especial. Deixo de fazê-lo, assinalando simplesmente que cimentaram uma autoridade incontestável, sustentada, é bem verdade, por seu valor pessoal, mas também, muito pela dedicação limitada dos seus agregados.

Destes últimos, quero salientar a instituição dos guardacostas, estudada pelos senhores José Américo de Almeida e Felipe Guerra, de cujas páginas me valerei.

Indispensável a defesa das fazendas, ameaçadas pelo genio, diz o primeiro, “chegou a ter um caráter de milícia, permitida e, depois, tolerada pelas autoridades, incapazes de manterem a segurança num extenso território de população escassa, e disseminada”. (A Paraíba e seus Problemas).

Acabado o ciclo da conquista, novos fatores, já então de todo injustificáveis, concorreram para a permanência dos rapazes de confiança. “A indivisão das grandes sesmarias foi originando sangrentas questões de terras entre continentes e o partidismo monárquico criou o mandonismo com prerrogativas feu-



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

dais”. (J.A. de Almeida op. cit.). A República, diga-se de passagem, continuou, piorando, a tradição. As situações estaduais, prestigiando os chefes locais, assim transformados nos únicos e verdadeiros senhores do barão e do cutelo... Como, também, sejamos justos, na única assistência daquelas paragens. E assim, observou Plínio Salgado, “a Província absorveu em seu benefício e contra a Nação todos os localismos expressivos dos patriarcas brasileiros”.

Esses mandados repetidos enchiam de si o valentão. Sentia-se necessário, já igual ao amo. Este, “mestre no ofício”, conhecia o estado de alma do seu rapaz. E era preciso impor perpétuo silêncio a uma boca atrevida, não mais merecedora de confiança, capaz de delações... (F. Guerra op. cit.).

O agregado levava um sumiço, cuja causa ninguém procurava indagar.

Mas, se despedido ou fugido, o capanga, acostumado àquela vidinha, sem terras suas para fixar-se, procurava aliciar camaradas, constituindo um bando, vivendo do assalto aos bens alheios, ou então buscava a proteção de nova “influência”, quase sempre inimiga da primeira.

Davam-se, por vezes, terríveis lutas entre os potentados. Questões de terra, política, etc. Os sertanejos indefesos podiam respirar um pouco. Enquanto se acabavam os dois chefes, não haveria receio de seus “cabras” se distraírem nas feiras multiplicando bravatas, seguros de proteção eficaz. Mas, o desafio era pequeno. Se o móvel não eram ódios de família, lá vinham as alianças, redobrando as bravatas da cabroeira.



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

Uma das grandes culpadas do cangaceirismo é a política-lha. Quem leu o trabalho interessantíssimo de Pedro Batista. “Cangaceiros do Nordeste”, poderá ver como a queda de um Gabinete, ou a divergência entre Conservadores e Liberais, coisa tão natural, lá na Corte, repercutia, tantas vezes tragicamente, em longínquo rincão nordestino. E os pacatos sertanejos tomavam-se o bode expiatório das trincas partidárias...

Dava-se a queda de um Gabinete. Vinha a “derrubada” geral. Subia nova autoridade municipal. Mudava-se o local da feira. Era o bastante. Os vencidos não se conformavam. Aquilo era um acidente. Recorriam às intervenções armadas. E os pobres feirantes, afinal, é que sofriam as conseqüências.

A Capital, civilizada, culta, sabendo de cor todas as conquistas liberais de cada um dos povos da Europa, jamais pensaria, nem por sonhos, na possibilidade de fatos semelhantes. Coisa tão comum, as reviravoltas políticas...

E o sertão, por várias causas, permaneceu isolado. Raros negócios com o litoral, em comboios anuais, ou nas feiras de gado.

Conservaram-se, por séculos, hábitos antigos, tradições, sentimentos, preconceitos e práticas rotineiras. Conta-nos Gustavo Barroso, em seu “Heróis e Bandidos”, que, em 1868, certo oficial de policia tomou, em Missão Velha, zona cearense do Cariri, de um cangaceiro, enorme espada de copo em cruz e concha, obra do século XVI.

No terreno da linguagem, o fenômeno teria as conseqüências assinaladas pelos escritores Luís da Câmara Cascudo, do



**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

Rio Grande do Norte e Mário Marroquim, pernambucano, residente em Maceió.

O livro deste último – “A Língua do Nordeste”, contém milhares de observações curiosas, pacientemente colhidas e figurará na Coleção “Brasiliana”, da Editora Nacional. (4)

O primeiro, conterrâneo meu, asseverou: “O elemento sertanejo, enquistado e sem contato com o litoral, onde o idioma tinha sua renovação, mercê da ativa mudança entre Estados e estrangeiro, ficou conservando, num ambiente refeito, antigas expressões, modalidades sintáticas do linguajar de antanho”. Cascudo reclamava um analista desse linguajar, pois o sertão se transforma. (5)

Só nos últimos dias de 1932 esses dois escritores se encontraram, conversando à vontade sobre um tema que tanto os interessava e do qual lamentavam a carência de estudiosos. Narro o fato para mostrar as surpresas que o isolamento quase absoluto entre a vida intelectual dos Estados oferece, comumente. Só o acaso favorece encontros.

Mas ai está: maginar, dixe, tromento, alestrar, entonces, empecho, sogigar, tidos como brasileirismos por muita gente boa, figuram nos escritores quinhentistas. Felizmente Mário Marroquim lhes vai dar o registro de filiação legítima, como, também, livrá-los da morte.

Aliás, diga-se de passagem, o Brasil não é um caso singular. Gustavo Barroso, mestre em questões de folclore, lembra, em artigo publicado no *Time*, fato semelhante ocorrendo no Canadá, com relação ao francês de outras eras. E Ruben Campo, no





**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

livro “El Folklore Lirerano de México”, faz para esse país, idêntica observação. No interior mexicano, afirma, parece ouvir a linguagem falada lá trezentos anos, na Espanha. Ernesto Morales, por sua vez, notificando em “La Prensa” este último livro, diz a mesma coisa do gaúcho argentino. E lamenta que se percam esses arcaísmos, alguns dos quais, pela justeza de expressão, devem conservar-se.

No campo da sociologia, da psicologia e da medicina social coube a Euclides da Cunha, a Gustavo Barroso, a Belisário Pena, entre outros, chamar a atenção dos interessados – que deveriam ser todos os brasileiros, para o abandono das populações do interior do Brasil.

Do ponto de vista geográfico, econômico ou político, assinalarei, entre os de outros, os apelos de Alberto Torres, de Vicente Licínio Cardoso, o brado de Plínio Salgado. Particularizando, com referência ao Nordeste seco, partindo do Ceará, do Rio Grande do Norte e da Paraíba, os escritos de Tomaz Pompeu e Rodolfo Teófilo (Ceará), Felipe Guerra e Eloi de Souza (Rio Grande do Norte) e de José Américo de Almeida (Paraíba).

Finalmente, na prática, não faltaram os que chamassem a atenção dos litorâneos displicentes sobre a existência de todo um povo esquecido: mais de três milhões de vítimas das secas e dos cangaceiros e fanáticos, quer no Nordeste, simbolizados por Antônio Conselheiro, quer no Sul, no episódio do Contestado.

Afonso Arinos, que sempre teve olhos para ver, em toda sua realidade, o inteiro Brasil, aprendeu logo o significado pro-



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

fundo de Canudos. Mesmo antes da palavra definitiva de Euclides da Cunha, escreveu, em artigo:

– Venceu, como devia vencer, a força, que representa a civilização; venceu a autoridade, que o jurista chama a mais alta expressão de toda a força. Mas ficou o ensinamento. Até aqui, só eram brasileiros os habitantes das grandes cidades cosmopolitas do litoral; até aqui, toda a atenção dos governos e grande parte dos recursos dos cofres públicos eram empregados na imigração ou no tolo intuito de querer arremedar instituições e costumes exóticos. O Brasil Central era ignorado; se, nos sertões, existe uma população, dela não cura o governo; e eis que ela surge, numa estranha e trágica manifestação de energia, afirmando sua existência e lavrando, com o sangue, um veementíssimo protesto contra o desprezo ou o olvido a que fora relegada”.

Arinos enganou-se. Daquela vez, ainda, o acontecimento não abriu as portas da nacionalidade brasileira para seus filhos sertanejos. O grande coração da nacionalidade continua, como ha três séculos, a pulsar vigorosamente. Mas o geral da camada culta do país não procurou, ainda embeber-se na sua onda riquíssima de ensinamentos. E no refluxo, exercer a influência, igualmente indispensável, da cidade sobre o campo, estabelecendo uma ligação continua.

Afora a compreensão exata de um ou outro homem de governo, ou intelectual, de um ou outro órgão de imprensa – e haja exemplo a presente campanha contra as secas do Nordeste, com um Ministro de Estado, uma importante sociedade cultural naci-



**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

onalista (a Sociedade de Amigos de Alberto Torres), que agora mesmo realizou um Congresso do Nordeste, e um jornal de existência e de prestígio centenários à sua frente, a ninguém sobra tempo, absorvidos todos nos cochichos de partido, ou nas macaquices de práticas exóticas.

O sertão continua a ser o deserto, o lugar de bárbaros. Abandonado, tem contato quase exclusivo com o Poder Público, através de certos órgãos, aos quais lhe sobram razões para não simpatizar: o recrutamento, hoje o sorteio, os impostos escorchantes, a policia e, principalmente a política, miúda, ordinária, que se serve do sorteio, do imposto e da policia para perseguições, buscando, ainda, mutilar os próprios órgãos da justiça.

Hoje há melhoras, não se pode negar.

A viação férrea, o automóvel, são dois grandes modificadores de fisionomias locais. A propósito daquela, é expressivo o ditado sertanejo: “onde chega o vapor da terra desaparece o canção” (Gustavo Barroso).

Se as linhas férreas ainda são poucas, já existe alguma coisa. Pode-se viajar de trem, quase ininterruptamente, de Maceió a Fortaleza, passando pela Capital e sertão de Pernambuco, pelos brejos paraibanos, pela Capital e interior do Rio Grande do Norte.

O sonho dourado de todo norte-rio-grandense – e deverá ser, também, o de todo nordestino e de todo brasileiro conhecedor dos problemas nacionais, é a construção da Estrada de Ferro de Mossoró ao rio São Francisco, aproximando, em forte abraço,



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

nada menos do que oito Estados e facilitando os trabalhos da administração. (6)

Aparte sua função social e educativa, de arejamento, outras muitas concorrerão. Basta, porém, citar a opinião desinteressada e insuspeita de Roderic Crandall, notável técnico norte-americano, que percorreu o nordeste brasileiro: “Além da vantagem desta linha ligar o Norte ao Sul e de sua utilidade como linha estratégica, tem, ainda, importância para a população do Rio Grande do Norte como uma saída possível para o seu sal e assim é também de interesse para os criadores de gado da Paraíba, Ceará, Pernambuco, Piauí, Goiás e Minas Gerais, porque uma rápida inspeção do mapa mostrará que, com o atual transporte fluvial e com tarifas especiais para as grandes quantidades de sal, será possível às salinas do Rio Grande, em Mossoró e Macau, suprir o interior com sal muito mais barato que por outras vias”. (Geografia, Geologia, Suprimento D’Água, Transportes e Açudagem”).

É preciso lembrar, ainda, as vantagens advindas para os Cariris cearenses, excepcionalmente férteis, que encontrariam um mais fácil escoadouro de seus produtos e, afinal, de todos os centros vizinhos, produtores de farinha, açúcar e algodão.

Por outro lado, temos de nos orgulhar com a quilometragem de rodovias já alcançadas. Que esse orgulho, porém, não seja impecilho a novas e maiores realizações.

Dentro de um ano, escreveu ilustre engenheiro, membro duma Comissão que visitou, recentemente, as obras do Nordes-



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

te, dentro de um ano, poder-se-á ir de automóvel da Bahia a Teresina, visitando-se todas as Capitais e centros importantes.

Construída, por outro lado, a Rio Bahia, pela qual tanto se bateu o saudoso Paulo de Frontin, teremos uma via, sob todos os aspectos, importantíssima, ligando o país todo, quase do extremo Norte ao extremo Sul.

Mas não nos devemos contentar com o aforismo tão repetido – “governar é abrir estradas”. Meios para governar, de maneira alguma devem confundir-se com os fins primaciais. E destes, se dúvida, um domina a todos, a educação.

Eu reconheço, com Oliveira Viana, que “em nossa história e em nosso povo, a expansão geográfica da sociedade tem sido sempre maior do que a expansão do Estado”. (Pequenos Estudos de Psicologia Social). Mas nem por isso me incorporo àqueles que julgam bárbaras, atrasadas, as gentes do interior.

Já não quero referir-me ao nível moral, pois, como sabem os estudiosos da sociologia rural, ele é mais elevado nos campos do que nas cidades. Falo mesmo na capacidade intelectual. E lembraria a opinião de Norbert Krebs. Para ele, não é justo falar em povos inferiormente dotados.

O que se dá, freqüentemente, é a limitação de suas possibilidades, passíveis de um desenvolvimento completo. Mesmo sem este, são tão hábeis, em dada esfera de atividade, utilizam tão bem os recursos da inteligência, que suplantam qualquer povo da civilização mais avançada. (Geografia Humana – Coleção “Labor”, Espanha).



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

---

E quem desconhece a presteza, a coragem, a resistência, a iniciativa, a paciência exigidas pela vida sertaneja, em toda a vastidão do Brasil? Cada um no seu ramo, os vaqueiros, os canoeiros, os rastejadores, os tangerinos, os agricultores, os rendeiros, os seleiros, os cantadores, nos enchem de admiração e desafiam competidores. E com uma receptividade extraordinária, num instante aprendem ofícios de que jamais tiveram, sequer, notícia.

Certo engenheiro, que não viu com bons olhos esta região, não pode, entretanto, calar esse dom admirável do nordestino, proclamando, em livro 1926: “Durante as grandes construções de açudagem, ora paralisadas, patentearam-se hábeis operários e mesmo amantes do trabalho. Chegavam os “cassacos” em levadas, “brabos”, completamente alheados do serviço; empregávamos-nos nesse ou naquele trabalho; se maquinismo, naturalmente que nunca haviam visto anteriormente, em poucos meses assenhoreavam-se do seu manejo e substituíam os mestres.

Em poucos meses, fazíamos-os, motoristas, mecânicos, pedreiros, carpinteiros, ferreiros, escriturários, se sabiam ler, enfim, fazíamos-os operário necessário na ocasião”. Ele entusiasmou-se, também, “pelo muito que produziam, em semanas consecutivas de trabalhos estafantes”.

Já este ano, o engenheiro Armando Augusto de Godoi, em conferência no Automóvel Clube, se disse maravilhado com o acabamento e execução das incontáveis obras de arte, nos trabalhos de engenharia da Inspetoria de Obras Contra as Secas. Tudo executado com uma perfeição, declarou, que faz lembrar a obra



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

do operário francês. E salientou, igualmente, a habilidade dos mecânicos nordestinos, governando admiravelmente os mais delicados aparelhos e motores, de que nem tinham notícias anteriormente.

Mas a enumerar, simplesmente, as frases daqueles que nos têm feito justiça, iria longe, já não citando os conceitos muito honrosos de Crockatt de Sá, lembrarei, a propósito, a opinião de Roderic Crandall, estrangeiro que teve, como poucos brasileiros, a visão perfeita do Nordeste e seus problemas. Quanto aos filhos desta região, afirmou: “Pode dizer-se que o nortista é realmente muito melhor cidadão e um homem mais valioso para o país do que a espécie de imigrantes que para ele têm vindo. (...). Embora rudes e pouco civilizados, é verdade, em todos eles encontra-se o estofamento de que se fazem os bons e úteis cidadãos para o país”.

Trouxe aos vossos olhos um pedaço da minha terra nordestina. E desta escolhi, de preferência, os seus aspectos mais rudes e, desses, um dos seus tipos mais curiosos – o cangaceiro.

Talvez me taxe alguém, no mínimo, de importuno, pois que, numa noite como esta em pleno salão nobre da Faculdade de Direito do Recife, ousa quebrar a doce harmonia destes momentos encantadores, com episódios do sertão seco. Muitos me compreenderão. E eu não podia calar, nesta feliz oportunidade, o apelo sincero, que tenho de fazer à cultura pernambucana e, especialmente, aos colegas de profissão.

Quase me limitei a falar do meu sertão do Nordeste. Não foi por espírito de bairrismo. Mas em nome do regionalismo



**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

sadio, que vê a parte em função do todo, curando de suas necessidades, melhor conhecendo-as, para maior grandeza do mesmo todo e mais perfeita integração.

Mas é chegado o momento de fazer o meu apelo, em nome do nosso irmão do interior brasileiro. Ele, sem duvida, não sabe explicar, mas sente um desequilíbrio, uma descalagem ente sua vida e a do litoral. No entanto, sabe ele que, entregue à agricultura, à pecuária, a todos aqueles ramos de atividade honesta, não é força anárquica. Ele sabe que sustenta, em boa parte, a Nação. Esta lhe pede filhos para a caserna e dinheiro para os tesouros, produção de alimentos.

Entretanto, falta alguma coisa. Falta-lhe a integração na orgânica do Estado. Porém, escutai, ele vos diz que essa integração precisa não ser bruta ou cega, como procurou fazer o colono de outras eras com o silvícola. Se o litoral lhe dará muitas lições, maiores, ainda, as do sertão.

Na será uma conquista e sim uma fusão. E aos intelectuais, em geral, mas, sobretudo aos homens de Lei e aos homens de Governo – a vanguarda nesta missão delicada de sua integração na ordem jurídica *latu sentu*, de que o Estado é a expressão legítima e viva. Precisamos, duma vez por todas, levar a efeito a Construção Nacional, realizando uma política orgânica, sintonizadora de todas as energia sãs e retificadoras dos nossos defeitos.

Cientes de que muitas destas, como já notava, em 1841, o Senador Vergueiro, “procedem de havermos antecipado a nossa organização política à social”.





**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
YING-TUN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

---

Aprendi com Alberto Torres e seus crescentes e ilustres discípulos e comentadores, a confiar fundadamente, mas sem lirismos, no futuro do Brasil. Creio plenamente no valor dos tipos formadores deste grande país.

Aprendi que o brasileiro das praias, das fazendas de gado ou de cultivo, dos engenhos e das charqueadas, dos seringais e dos pinheirais, do Norte, do Centro, do Sul, enfim, apenas está, no expressivo dizer de Plínio Salgado, “à espera de seus interpretes, capazes de transforma-lo energicamente, levando-o à realização de seus destinos superiores”. Pois, como escrevera profundamente Alberto Torres”, “a nossa crise atual não resulta senão da estagnação das nossas energias, alagadas, porque não encontraram seu leito próprio”.

Confio nos movimentos que apontam na alma nacional o maior livro para meditação de todos, intelectuais e homens de ação. Nas suas páginas, a contribuição inicial de três raças, todas elas rubricadas pelo sangue vertido em quatro séculos de abandono e de sofrimentos!



**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

## *NOTAS DE 1989*

1. Hoje no município de Felipe Guerra.
2. Aliás, foram enviados três portadores, cada um conduzindo o dinheiro do resgate. Com a mobilidade do bando, fugindo da polícia, sempre houve desencontros. Um dos portadores, por sinal, não restituiu a importância...
3. Este ponto merece hoje reflexão maior, tendo em vista os estudos de pesquisadores que contestam a inexistência de luta de classe em nossa história, como é o caso de José Honório Rodrigues. Creio, porém, que até mesmo por mera submissão, que fosse, na impossibilidade evidente de outra atitude, no meio se encontravam, houve uma acomodação generalizada. E as dificuldades da vida rural sertaneja aproximavam todos, do coronel ao morador, mais do que separavam.
4. O livro de Mário Marroquim foi editado, constituindo o volume 25 da Coleção Brasileira.
5. Num folheto muito interessante – “Viajando o Sertão” (Imprensa Oficial, Natal, 1934) com posterior reedição em 1975 (Fundação José Augusto) e 1984 (Fundação José Augusto) Luís da Câmara Cascudo ocupa-se do assunto, num dos capítulos. Para ele, o sertanejo não fala errado, fala o português clássico, em proporção séria, isso é, o português do século XVI da era do descobrimento.



**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO  
COLEÇÃO  
MS  
SEM

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

## ***OS TABULEIROS E VALES DO AGRESTE***

***ELOY DE SOUZA***

Os tabuleiros arenosos constituem pela sua platitude e porosidade, uma imensa zona de infiltração muito interessante na geografia litorânea do Estado. Ultrapassando a linha das dunas eles se projetam para o interior numa penetração muito variável e que é maior ou menor, conforme o contorno da costa.

Do Tibau até as proximidades de Touros, essa penetração é mínima em alguns trechos, aprofundando-se, dali para leste em extensões que oscilam entre 12,18 e cinco léguas, aproximadamente.

A flora não é uniforme: e sua diferenciação oferece de certo modo a essa penetração. Para o norte, a maior vizinhança da caatinga modificou-a, de maneira que nessa parte, antes de atingir a chapada da Serra Verde, ela é constituída por uma vegetação rasteira, característica da esterilidade confirmada por arbustos pouco variados e tão distantes entre si que o isolamento é antes do que exceção.

Entre Canto de Baixo e Macau, na linha fronteira da chapada, a flora é muito semelhante à da própria chapada, que se prolonga num declive suave até quase as dunas.



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

Nota-se nesse trecho a presença da jurema preta e da umburana, do pau-ferro e do juazeiro e bem assim da quixabeira e de vários cardos mais peculiares ao sertão do que ao agreste.

De Touros para cá começam a vicejar a mangabeira, batiputá, a maçaranduba e várias mirtáceas. Todas essas espécies são encontradas em grupos mais ou menos aproximados, conforme estejam mais ou menos resguardados da ventania constante pela maior ou menor distância das dunas que acompanham a linha do litoral, desde Tibau até a barra do rio Guajá.

A franca permeabilidade dos tabuleiros, permitindo a absorção total das águas pluviais, que a começar de Touros para leste se precipitam em médias quinquenais de 800 milímetros e até mesmo além desta quantidade, os transformam em verdadeiros reservatórios, que derivados por gravidade para depressões ali existente formaram os lagos e vales perenes da região.

Os vales de Cunhaú e Maxaranguape são constituídos por vertentes dessa origem e assim igualmente as lagoas situadas no município de Touros.

Suas terras, naturalmente produtivas de cereais, reclamam, todavia, adubação conveniente para o cultivo da cana. Toda essa zona está em grande parte encharcada e seviciada pelo paludismo.

Sua drenagem não é, entretanto, tão difícil, que reclame uma solução propriamente técnica, como no caso Ceará-Mirim e poderá ser feita pelos agricultores de modo vantajoso, mediante uma cooperação bem orientada.



**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

Na zona de Great Western está localizado o maior número de vales dessa natureza, a começar de Pitimbú, constituído por terreno mais pobre. O Cajupiranga, muito embora as várzeas também reclamem adubo para o plantio da cana, já figurou com um apreciável coeficiente de produção açucareira. Atualmente, porém, a extensão pantanosa é enorme e em alguns trechos alcança uma laguna de quilômetros intransponíveis, pela profundidade ou pelos numerosos atoleiros insidiosos. O aspecto dessa zona é desolador. Onde, não há muitos anos, soerguam as chaminés dos engenhos em plena atividade, surgiram os animais, tão robustos que apresentam o aspecto de uma floresta liliputiana, cujas raízes fincadas no fundo do rio, num entrelaçamento defensivo, constitui uma verdadeira barragem que, dia a dia e cada vez mais, faz recuar as águas, impedindo sua derivação pela barra, desde muitos anos invadida pelas areias das dunas. Em relação a este vale, há a assinalar que precisamente a parte mais fértil é a que está inutilizada para qualquer cultura, pela sua total e permanente inundação. Segundo me informaram, bastou que o proprietário de um dos engenhos, durante algum tempo, se tivesse descuidado da abertura do seu trecho de rio, para que se desse a obstrução da parte restante.

A situação de Baldum e Pium é um pouco melhor: mas já a do Catú se apresenta quase em idênticas posições, apesar dos esforços desesperados de um estrangeiro corajoso que ali está procurando cultivar o vale, não sem sacrifício e até da própria saúde, tratando-se como se trata de uma zona assolada pelas formas mais graves de impaludismo.



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

No município de Goianinha duas vertentes abundantes formam os rios da Ponte e do Brandão, os quais, reunidos no engenho São Miguel, atravessam no mesmo leito os engenhos Carnaubal, Paquetá, Ilha Grande, onde desaguam no rio perto da lagoa de Guarairas. Este, como outros vales de menor importância, está mais ou menos subordinado ao mesmo regime hidrográfico e necessita, para a cultura da cana, de adubação comum à região que é feita com o estrume dos currais, cinzas do bagaço ou resíduos de sua decomposição. Todas as várzeas são de paúl. As mais fracas devem ser adubadas anualmente e as melhores de dois em dois anos, ou trienalmente quando são excepcionais.

Não existe na região nenhuma estrumeira feita de acordo com a técnica, como seria conveniente ao rendimento maior das culturas. Tempo houve em que o caroço de algodão foi utilizado como fertilizante. Tratava-se, então, de um produto de pequeno valor, rico em substâncias próprias ao desenvolvimento dos canaviais, representando, assim, uma sensível economia no custo da produção do açúcar.

A elevação do seu preço, determinada por uma aplicação remuneradora na indústria do óleo, privou os senhores de engenho desse adubo que teria encontrado, aliás, sucedâneos na casca e detritos da semente.

Estes fatos evidenciam mais uma vez a falta de iniciativa e a ausência de cooperação dos nossos agricultores, alguns dos quais estão agora exercendo a atividade destrutiva, explorando o comércio de madeiras extraídas das pequenas matas ainda existentes nos tabuleiros vizinhos a determinados cursos d'água.



**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

Essa exploração, como está sendo feita, sem a precisa reflorestação, constitui um verdadeiro crime que reclama providências adequadas e imediatas dos poderes públicos. A obrigatoriedade do replantio das matas se justifica tanto mais quanto ele pode ser facilmente conseguido com as variedades de eucaliptos já aclimatados e verificadamente de resultados mais rendosos do que os obtidos com as espécies nativas. Trata-se de uma árvore do crescimento rápido, saneadora do ambiente e muito indicada às condições regionais em apreço, sem exceção das terras excessivamente úmidas, havendo mesmo uma variedade utilizada no dessecamento dos pântanos da Nova Zelândia e cujo plantio seria do maior proveito nos vales aqui mencionado.

É preciso que a esterilidade dos nossos tabuleiros não continue a passar como uma fatalidade geográfica inevitável.

Não acredito que ela seja irremediável e só a admito e compreendo, mesmo agora, em determinadas condições de relatividade.

Terras melhores, populações escassas, iniciativas restritas às atividades mais fáceis e lucrativas, justificam o abandono dessa imensa extensão de terras superficialmente arenosas e nas quais a pastagem é pobre, intermitente e de aspecto desagradável. Por ocasião das grandes calamidades, quando no sertão e no agreste mais distante, todas as reservas de forragens naturais estavam esgotadas e os cardos, a macambira e outros recursos de emergência já não bastavam para alimentar os rebanhos famintos, recorriam os fazendeiros desenganados. Hoje as retiradas para essa zona estão muito reduzidas e tendem dia a dia a desaparecer.



**Banco do  
Nordeste**



*O nosso negócio é o desenvolvimento*



FUNDAÇÃO  
FUNG-T-UN ROSADO

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE

**EM**



UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

## **CRIME E CASTIGO**

*Eloy de Souza*

O artigo do Deputado Aluísio Alves publicado neste jornal, sob o título “O Governo destrói os vales úmidos”, é impressionante, mas está muito aquém da verdade.

Em 1940 publiquei n’A República e a esse propósito o artigo “Arez agoniza”, que emocionou profundamente o engenheiro Alvin Schimmelheng, chefe das obras do porto de Natal. Desde aquela data passou este ilustre profissional a interessar-se vivamente pelo assunto. Sei de ciência certa que fez extenso relato a respeito ao Diretor do Departamento de Portos, Rios e Canais, que prometeu tomar providências adequadas na primeira oportunidade.

O Dr. Décio Fonseca, que tinha então, naquele Departamento, um cargo de categoria, empenhou-se por sua vez, em não deixar dormir entre papéis de somenos essa matéria, que tanto lhe merecia pelo coração e pelos laços estreitos que o ligavam a nossa terra.

E tanto foi assim que no orçamento da Viação para 1940, foi incluída a verba de 150 contos para limpeza e desobstrução de rios e mais 80 contos para estudos de outros situados no Rio Grande do Norte.

Acrescento que simultaneamente com aquela iniciativa teve o Dr. Schimmelheng a bondade de convidar-me para uma excursão no referido vale, a fim de ter uma impressão objetiva





**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

do projeto que começava a ser executado. Recebi então, uma lição que não desaprendi e agora recordo mais uma vez como uma previsão do profissional emérito, confirmadora da desgraça com que a engenharia precipitada destruiu a felicidade e prosperidade do menor município do Rio Grande do Norte.

As obras de drenagem do vale de Santo Alberto, disse-me ele, são extremamente difíceis, porque o engenheiro terá de prestar simultaneamente atenção, no projeto que houver de organizar, à possível invasão das águas do mar e guiar-se, em grande parte, por informações das pessoas mais antigas e mais experientes da região. O ilustre profissional já tinha em vista, na ocasião, os danos causados de maneira irremediável pela invasão da maré no vale do Jacu, numa extensão bastante longa, determinada pelo alargamento da barra do Tibau, que numa só noite, durante a enchente catastrófica de 1924, aumentou-a numa medida superior a 200 metros. A abertura dessa Barra, durante muitos decênios, até onde pode alcançar a memória dos nossos homens públicos, constituiu uma aspiração constante da população de Arez, que via nesse melhoramento o único meio de escoamento dos rios sertanejos que desaguavam na lagoa de Guarairas em comunicação com o mar.

A alegria daquela pobre gente foi efêmera. Três anos depois a invasão das marés começou a operar na destruição das terras marginais aos rios referidos, à qual seguiu-se a transformação daquele lago de água doce em águas salgadas, sucessivamente tornadas impestáveis à criação e conservação dos peixes e camarões saborosos e de fama nos municípios adjacentes.



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

Essa fauna ictiológica foi substituída por peixes marítimos de pequeno crescimento e camarões que, em relação aos primitivos, são quase microscópicos. Dia a dia a penetração da água salgada invadiu terras mais distantes, transformando várzeas agrícolas de fertilidade maravilhosa na floresta de mangues robustos, que pedem devastação na substituição dessa atividade pelos viveiros de peixes, ali hoje existentes em não pequeno número por uma intuição feliz dos agricultores desapossados de suas terras pela água do mar. O Governo tomou as providências cabíveis, atendendo ao clamor público e a voz dos políticos interessados pela solução de um problema, que dependia de saber e prudência dos seus executores. Prezo-me de ter sido o pioneiro dessa cruzada não só na imprensa como diretamente aos ministros das pastas respectivas. O último desses a quem me dirigi foi ao Dr. Clovis Pestana, quase ao apagar das luzes do Governo do General Dutra. Quando de sua passagem por aqui, acompanhando aquele general, tive tempo de fazer uma curta exposição da matéria, que devidamente ouvida, terminou pela recomendação insistente de que lhe escrevesse em termos bastante claros e, tanto quanto possível, complementares da minha exposição. Fui ao encontro do seu desejo por meio de um memorial não só minudente como baseado em fatos concretos, vaticinadores dos erros a meu ver já cometidos e como consequência de muitos outros que aguardavam a inexperiência dos engenheiros incumbidos de obras que pediam tirocínio maior e melhor compreensão das necessidades públicas pela audiência dos habitantes da região.



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

O Sr. Ministro deu vista da minha carta ao encarregado de tais papeis na seção respectiva do seu Ministério. Não se passaram muitos dias e recebia eu, desse alto funcionário, em termos de maior gentileza e precisão, a segurança de que meus temores não se realizariam e que todas as providências por mim pedidas já estavam em andamento. Os fatos se encarregaram de demonstrar que não só não estavam em andamento como também o meu relato não tinha sido tomado na menor consideração pelo Departamento Nacional de Obras de Saneamento. O projeto errado não sofreu a menor modificação. Os nivelamentos erradíssimos ou apenas traçados nos projetos continuaram a servir nessa execução de oitava, apesar dos projetos seguidos das populações interessadas, dos homens públicos do Estado e previsões fundamentadas do engenheiro Alvin Schimmelheng.

Essa destruição sistemática prossegue com a aprovação e solidariedade do Dr. Camilo de Menezes, Chefe desse importantíssimo serviço, que não só confia cegamente nos seus prepostos, como ele mesmo acredita na infalibilidade profissional contra a opinião clamorosa dos habitantes para e quem tais obras são construídas em proveito da coletividade. Não digo isso aleatoriamente. Quando dirigia “A República”, tive oportunidade de verificar esse seu legítimo orgulho numa curta conversa que tivemos e que contribuiu, seja dita a verdade, para que ficássemos admirando seus altíssimos conhecimentos de engenharia hidráulica e seu desprezo por tudo que estivesse à margem dessa altíssima sabedoria específica. Muito admirado fiquei por esse desmentido a tudo que eu sabia a respeito da correlação entre os



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

engenheiros que projetam e executam e os habitantes regionais dos melhoramentos a quem tais projetos visam beneficiar.

Lembrei-me, naquela oportunidade, do que nos relata Mackenzie, a propósito da drenagem das terras encharcadas de Puddhanga, na Índia. Não lhe quis, porém, externar minha dúvida pelo respeito que me merecem todas as convicções, por mais absurda que elas sejam, pelo constrangimento de ofender susceptibilidades de profissionais mal amadurecidos e, sem embargo, sempre que se me oferece oportunidade procuro indagar se a razão está comigo, ignorante atrevido, ou com as sabedorias formadas nas entrelinhas de compêndios didáticos.

Não há muito tempo que me honrando com a amizade dadivosa do General Fernando Távora, tive ensejo de lhe perguntar porque as grandes obras hidráulicas dos Estados Unidos eram dirigidas por militares. Sua resposta veio pronta e elucidativa. A engenharia americana é uma só. Os oficiais de engenharia são geralmente engenheiros civis e estes são comumente oficiais da reserva. Tudo que me disse a esse respeito é muito interessante e concluinte, mas deixo para outra vez.

Todavia, não quero deixar de mencionar que tudo que se refere a obras hidráulicas tem suas operações subordinadas aos distritos espalhados por todo território nacional e pelas possessões. No de São Francisco da Califórnia havia sob as ordens de um engenheiro chefe, coronel do exército, 600 engenheiros civis, que projetavam e construía as maiores barragens do mundo, dentro de uma compreensão que colocava o interesse públi-



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
YING-TUN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

co acima de suscetibilidades injustificáveis e sempre atentos à audiência do povo que visavam beneficiar.

A ignorância, de mãos dadas com a jactância, fizeram a desgraça de alguns mil hectares dos municípios de Arêz, São José de Mipibu e Papari, cuja lagoa deste nome, tão ligada à vida material e espiritual de nossa terra, também já está salgada. As vozes daquelas populações não foram ouvidas. Seus protestos, considerados impertinentes, de nada valeram. A pena dos seus jornalistas não teve força para fazer recuar a inércia titulada. Só resta agora a essas populações esbulhadas recorrerem à justiça, escudadas do direito de uma indenização legítima e jurídica. Essa ação terá de vir por aquele princípio sintético e eterno de que não é digno de seu direito que não sabe defendê-lo. Esse dia chegará e não serei eu quem exorte aos prejudicados a faltarem ao cumprimento do dever sagrado para poupar à União uma sangria a mais no seu erário, entre milhares de tantas outras cometidas à sombra de irresponsabilidades funcionais contra o patrimônio privado e público. O crime pode ser involuntário, mas o castigo é merecido.



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

## ***NÃO ESTAMOS DESAMPARADOS***

*Eloy de Souza*

Nos lares sertanejos acendem-se velas e candeias votivas pelo inverno num apelo cheio de esperança e fé, para que a tranquilidade volte às almas aflitas e a paz doméstica e coletiva continue a tradição da gente boa e corajosa, que desde os sertões longínquos, até a pancada do mar, cultua a devoção do trabalho, como outras gentes brasileiras muito mais numerosas e muito mais felizes.

Inúmeros estão longe, em outros rincões do Brasil, tangidos da terra natal pela seca assoladora. Não estarão entre estranhos, porque tudo é Brasil, tudo é carinho, hospitalidade, acolhimento generoso e fraternal, onde quer que brasileiros bem aventurados se encontrem com outros feridos por desditas contingentes e inelutáveis.

Muito raramente essas virtudes nativas, vindas de tempos remotos, no caldeamento da nacionalidade, aqui ou ali são marcadas pela fealdade desnaturante de núcleos isolados, aos quais faltou o leite da bondade, criador de uma raça realizadora de tantos milagres na vida brasileira.

A interrogação, mais uma vez está em todos os lábios, aquela mesma interrogação que diz tudo na angústia de duas palavras: teremos inverno? Interrogação sem resposta, porque está nas mãos da misericórdia divina.



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

O que não é de Deus, mas dos homens, é a continuidade do trabalho para que seja apressada a nossa redenção pelos meios que a ela conduzam tão velhos e sábios trabalhos de antigas civilizações. A seca ainda reinante expatriou muitos milhares de conterrâneos. Dizimou os nossos rebanhos numa proporção alarmante. Matou lavouras. Impediu a cultura da terra e a produção de gêneros de primeira necessidade, o que nos obrigou a pagar aos Estados do Sul cento e trinta e dois milhões de cruzeiros pelos alimentos básicos da nossa alimentação regional: farinha de mandioca, arroz, feijão e charque.

Essa quantia fabulosa, drenada para outros Estados em 1950 e 1951, já se elevou a uma percentagem não pequena, tão só com a entrada de mais de cem mil sacas de farinha de mandioca em janeiro último.

Precisamos, no meio de toda nossa angústia, afirmar honestamente que não fomos desamparados pelos poderes públicos, que tudo fizeram e continuam fazendo para amenizar o terrível determinismo das secas. Esta hora deve ser de meditação e não de desesperos alarmantes, atinentes a enfraquecer a varonilidade da nossa gente, sua coragem, seu estoicismo, virtudes fortalecidas na dura escola se um sofrimento multissecular.

Constituindo a secas um flagelo sempre presente, a que agora nos está maltratando, encontrou o governo desaparelhado para uma interferência pronta e eficaz, à falta de projetos de obras específicas em todo o polígono das secas.

Se esta é uma verdade incontestável, estão justificadas possíveis deficiências do governo, que se encontrou sem proje-



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

tos que o habilitassem a dar trabalho útil aos famintos e retirantes, em vez de acudi-los com a esmola improdutiva e humilhante. Localizá-los nas zonas mais castigadas era providência hoje elementar em face da experiência do passado, quando o socorro prestado dentro de uma desorganização tumultuária nada remediou e contribuiu para aumentar a mortalidade por epidemias sempre possíveis nas aglomerações humanas enfraquecidas por fatores materiais e morais.

Não houve Estado assolado nesta seca fatídica, que não tivesse sido socorrido dentro de um critério inteligente, orgânico e produtor. Contam-se por milhares os quilômetros de estradas construídas e estudadas. Não foram poucos os açudes concluídos ou iniciados.

E não é sem oportunidade que assinalamos os inúmeros projetos de todas as obras atinentes à solução do problema das secas ultimadas, permitindo assim, o prosseguimento desse combate ao flagelo climatérico, numa continuidade que já não é mais possível parar, nem retroceder aos dias iniciais do flagelo ainda reinante.

Todas as acusações poderão ser feitas ao Presidente da República, mas há uma, entre muitas injustas, que seria descaridosa, negar-lhe virtudes magnânimas, coração solidário com o sofrimento humano, interesse dentro da nossa coletividade pelos sofrimentos dos necessitados. Injustiça, sobretudo, seria acusá-lo de indiferente à calamidade, que tão impiedosamente ainda assola o Nordeste, quando as populações nordestinas, em 1932, flageladas pela maior seca na história das nossas angústias climaté-





**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

ricas, salvou milhões de vidas, acudindo a região com providências instantâneas e adequadas.

É verdade que o Ministro da Viação, naquela hora, era José Américo de Almeida, profundo conhecedor do problema, aparelhado com todos os dados para soluções de emergência e sua consolidação na continuidade dos anos. Não tivesse, porém, esse grande estadista encontrado apoio na sensibilidade e compreensão do ditador e tudo teria ocorrido como de outras vezes, em tempos não muito remotos, quando presidentes da República, por tais ou quais razões, estimularam a expatriação em massa de muitos milhares de nordestinos, atirados ao léu da sorte nos seringais do Amazonas, para a escravidão dos seringueiros e a voragem da malária.

Agora o Ministro é do Sul, de quem não se pode exigir um conhecimento generalizado do problema para sua finalidade específica. Não é assim fora de propósito afirmar que, desta vez, a experiência orientou o Sr. Getúlio Vargas, com a lição de 1932. A visão da memória esclarecida o conduziu à prática das mesmas medidas, no mesmo ritmo de humanidade e sabedoria.

A ele não caberá, nunca, aquele apóstrofo manso e cantante de Felipe Guerra, o homem manso e justo que viveu e morreu com o pensamento na felicidade dos nordestinos: O bode e o burro têm dado mais vida ao sertão, têm concorrido mais para o seu progresso e o têm amparado mais nas calamidades do que todos os maus governos, que têm abandonado aos seus próprios recursos a população sofredora das últimas secas.



**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
YINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

---

Nestes governos não estão incluídos o ditador e o presidente duas vezes eleito, e duas vezes atento a vigilante à solução integral do problema das secas.

Outros tiveram os ouvidos trancados aos apelos desesperados do nordeste nas calamidades de 1898 a 1915. Não assim o Presidente Vargas, que tem cumprido o dever constitucional com o sentimento humano que é uma das suas grandes virtudes, aquele que os brasileiros não esquecem e por ele o premiaram com os milhões de votos que não foram de um partido ou de muitos partidos, mas os do povo, verdadeiramente povo.

O nordeste só tem motivos para trazê-lo na memória do coração: e quando mais não fosse, porque não foi ele que extinguiu a caixa das Secas, mas, antes, a restaurou, revogando a sentença do nosso eterno desespero.

“A ORDEM” (NATAL) 28/2/1952



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

## ***O GRITO E A BOIADA***

*Eloy de Souza*

Toda ignorância ajuda o atrevimento dos ignorantes. Não tenho feito exceção a essa regra, na defesa dos interesses do Nordeste, a que tive de acudir brandindo um alfange curto e vesgo, contra a lâmina afiada e reta de profissionais da engenharia, acobertados pela sapiência do título e a confiança irrestrita dos ministros em cargos da maior responsabilidade.

Não citarei nem os nomes dos espadachins, nem os quinaus que lhes dei, graças à inspiração do meu espírito público, à lição dos livros e a aprendizagem dadivosa da experiência de compatriotas menos destros do que eu.

Não foi por outro motivo que, mais uma vez, julguei-me autorizado a advertir o Governo contra os males certos e infismáveis dos serviços de drenagem dos vales úmidos situados em Arez e terras adjacentes de outros municípios.

Tudo que disse e sustentei foi sem arrogância; mas também sem vacilações, por meio de uma técnica diplomada e prestigiada pelo poder público.

Essa minha intromissão segura e corajosa foi simultaneamente estimulada por informações honestas diretamente interessadas no melhoramento e também por tudo que aprendi e ainda me recordava, dos documentos e livros postos à minha disposição pelo Ministro Miguel Calmon, quando me convidou para



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
YING-TUN ROSADO**  
**MS  
SEM**

COLEÇÃO MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

organizar o regulamento que deu vida nova e compleição robusta à inspetoria de Obras Contra as Secas.

Logo que tomei conhecimento do drama desenvolvido naquele município pela força cega da enchente de 1924 e da ameaça iminente de danos maiores, pelo projeto errado da drenagem do Rio Santo Alberto e outros de menos influência na economia do município de Arez, tomei posição na imprensa, a ver se atalhava a calamidade vista por toda gente, menos pelos técnicos incumbidos de trabalhos hidráulicos aparentemente mínimos e todavia de execução importante como técnica e de graves consequências, pela própria natureza do empreendimento.

A catástrofe do arrazamento da Barra do Tibau pelas enchentes em 1924 tinha iniciado a marcha destruidora das terras agrícolas à montante dos desaguadouros dos rios sertanejos tributários da lagoa de Guarairas.

O Governo julgou-se, ao que parece, impotente para evitar um desastre possível, senão certamente fácil de ser detido, se providências adequadas tivessem sido tomadas em devido tempo. Tal não se fez então e agora as águas salgadas já invadiram terras agrícolas de primeira ordem, até o município de Goiânia, na propriedade do Sr. Manoel Duarte. Pior do que a força bruta e cega causadora dessa ruína está em função o saber teimoso dos engenheiros do Departamento de Drenagem dos Vales Úmidos numa zona pequena do menor município do Estado, indicação por si só bastante para simplificar a organização do projeto e sua execução. Assim, porém, não se tem verificado. O tempo vai longe e o projeto, cada vez mais errado, demora o fim



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

desejado e torna em maior malefício o que não devia constituir nenhum, se a sapiência, a prudência e o espírito de bem fazer se tivessem conjugados para a finalidade em vista.

Vi e previ tudo que tem ocorrido desde que, tendo recebido as primeiras informações, resolvi aceitar o convite do Dr. Schmmenipfeng para uma visita à região, a fim de uma melhor compreensão do assunto e julgamento justo das reclamações trazidas ao meu conhecimento pelos agricultores prejudicados.

No meu artigo “Crime e Castigo”, já dei conta desta inspeção. Foi graças a essas circunstâncias que pude, reconstituindo a sua topografia, escrever no “Diário de Natal” de 5 de abril de 1949 sobre o disfarce de entrevista, um artigo em que vaticinei as desgraças iminentes e sobrevindas no decurso de poucos anos, com incontestável evidência.

Esse artigo é quase, palavra por palavra, o memorial que enviei ao Ministro Clovis Pestana, com quem conversei a respeito, quando por aqui transitou o Presidente Eurico Dutra, em 1948.

Depois de referir-se aos danos catastróficos devido ao arrombamento da barra do Tibau, acrescentei ao repórter que me ouviu: “Peço-lhe desculpas para manifestar meu receio de desastre equivalente se for executado, segundo informações sobrevindas, o projeto do Departamento Nacional de Obras de Saneamento referente à drenagem bastante difícil desse vale”.

Segundo conversa com pessoas interessadas na recuperação dessas terras, o serviço tem por fim obter que as águas sejam escoadas para a lagoa de Papeba e daí para a de Guarairas, pas-



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

sando desta para o Oceano, pela barra do Tibau. O volume a escoar é correspondente aos rios que despejam na lagoa de Papari e o Rio Santo Alberto ou Baldum. O vento favorece a invasão da água salgada para a zona do vale de S. Alberto e lagoa de Papari devido à sua situação topográfica.

A meu ver, o projeto devia restabelecer a largura e profundidade desses rios, com as retificações aconselhadas pelo restabelecimento de um regime de escoamento adequado à conservação da umidade das terras marginais. Um escoamento total e violento determinará uma esterilidade que não poderá ser remediada pelos olheiros ali existentes. Para dar uma idéia mais precisa do que era o regime anterior, lembramos que a tradição dos mais antigos moradores daquela zona se refere a um tempo de fartas colheitas, em que as águas que corriam no leito desses rios ficavam ao alcance das mãos das pessoas que, deitadas às margens dos barrancos, colhiam facilmente a água em correnteza. Com três metros de profundidade, evidentemente, os canais que estão sendo abertos determinarão a invasão pela água salgada em extensão e volume imprevisíveis.

Penso que se este projeto não for convenientemente modificado, nada deterá a invasão da região pela água salgada em propagação pelas terras baixas.

Parece, assim, que a solução mais indicada, uma vez que se tomou impossível a obstrução mesmo parcial, da barra de Tibau, seria a escavação de um canal em nível e largura previamente estudados mais ou menos, na orientação do chamado Canal do Governo, ligação entre as lagoas da Papari e Papeba”.



**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**  
COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

Feita esta transcrição, tenho a acrescentar que anteriormente me havia esforçado para demonstrar que, antes da drenagem, deviam ser construídas as comportas detentoras das águas salgadas. Sustentei, então, por mais de uma vez que, sem essa precaução, tudo que se viesse a fazer seria danoso.

O departamento não tomou conhecimento das minhas ponderações e tratou-as como se não fossem verdades eminentes. Fez mais, como resposta à minha crítica, e colaboração preposta a uma finalidade proveitosa, aumentou a largura dos canais para 30 metros e a profundidade em alguns pontos para oito metros, tudo sem estudos planimétricos indispensáveis, antes da construção das comportas de Surubajá. Foi por isso prejudicado o rendimento da eficiente draga apropriada, não utilizada tampouco na fundação das comportas, nem cravação de qualquer estacada de segurança. Resultado: as pedras jogadas nas pequenas cavas irregulares, devido a vazamentos constantes por fendas inevitáveis, determinou o desaprumo permanente e progressivo dos pilares posteriormente construídos, e desmoronamentos nas extremidades do conjunto.

Tudo ficou perdido. Tudo redundou na continuidade implacável do arrasamento das terras agrícolas, com prejuízo para os proprietários e para a economia coletiva. As águas das marés lá estão, salgando cada vez mais as terras agricultáveis, já agora tornadas imprestáveis também para pastagens.

Estão desta sorte não apenas moribundas, mas inteiramente mortas para sempre. A atividade agropecuária desapareceu inteiramente, porque também toda criação ficou não só privada



**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

de pastagens, como igualmente de água para beber, de vez que toda a água da área contaminada, a dos córregos e a das cacimbas, tornou-se totalmente salgada.

Existe, ali, uma propriedade que constitui amostra desoladora da engenharia altíssima que está operando, naquelas terras largadas, as transformações da abundância e felicidade em esterilidade e tristeza. Essa propriedade, não faz muito tempo, nutria e engordava cerca de oitocentos bovinos.

Atualmente foram dali escorraçados para campos mais benignos depois de uma mortandade de trezentas cabeças. Aí está o mal que fiz a essa pobre gente. A todos, criadores e agricultores, peço contritamente perdão da maldade involuntária. Eu, porém, não sabia que o muito ilustre chefe desse serviço de benefícios coletivos era tão insensível ao clamor público e tão ciumento de seus retumbantes triunfos profissionais.

Acreditei que, como tantos outros engenheiros de méritos, com que tratei a propósito de serviços públicos de muito maior importância, não tivesse como desprezível a opinião de um leigo que já carrega o peso de uma responsabilidade octogenária e foi sempre tido como um estudioso desses assuntos.

Não foi por outra razão que, sertanejo habituado a ouvir no sertão entre vaqueiros e habitantes algumas, que à falta de um grito perde-se uma boiada, dei o meu grito em tempo oportuno, mas os ouvidos do sábio foram insensíveis a essa voz conselheira e honesta. Se não a ouviu então, muito menos a ouvirá hoje, quando as cordas vocais já estão desfalecidas para ouvidos de tão dura grandeza.





**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
Joaquim Nabuco**

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE  
**EM**

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

---

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

---

Todavia aqui fica, mais uma vez, o meu brado angustioso, movido pela compaixão de milhares de braços que há anos sem conta trabalhavam confiantes na eternidade da terra onde nasceram, nasceram e penaram antepassados, confiantes nessa eternidade, agora destruída pelo diretor de um serviço público, com o dinheiro e os instrumentos que o poder público lhe confiou para tornar mais felizes e mais prósperos esses trabalhadores pacíficos e honestos.

Tribuna do Norte, 24 de abril de 1954.



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FUNGT-JUN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

## ***A MACAMBIRA***

*Eloy de Souza*

Tive ontem o prazer de admirar, envaidecido, o primeiro fardo de fibra de macambira, produto obtido no município de São Tomé, beneficiado por máquina manual construída por um conterrâneo, que, por essa forma, contribuiu para criar naquele sertão uma indústria doméstica destinada, dentro em breve, a atingir grandes proporções. Aliás, sei por informação segura, que em Santo Antonio está montado um maquinismo completo para a industrialização dessa matéria prima, em condições de prover o beneficiamento dos macambirais situados em vários municípios, mais ou menos próximos à Great Western.

O Rio Grande do Norte possui, em outras zonas, extensões igualmente produtivas. De um modo geral, em quase todo o Estado se encontra essa planta nos terrenos impróprios à agricultura. Pode-se afirmar que dentre os 42 municípios do Rio Grande do Norte, pelo menos trinta oferecem condições excepcionais à sua exploração. Excetua-se, apenas, a zona do Seridó, onde só existe a “macambira de serrote”, raquílica, de folhas recurvas e de pequeno tamanho, sem as qualidades de industrialização das variedades que medram em outras zonas”.

O Brasil está em plena fase de aproveitamento e valorização das magníficas fibras que possuímos, principalmente no Nordeste, extremo Norte, Goiás e Mato Grosso. Algumas delas são, incontestavelmente, superiores em resistência à juta, atual-



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

mente cultivada na Amazônia por japoneses. Apesar da preferência de que goza na indústria de aniagem, tudo faz crer que, em época não muito remota, a malva veludo, a malva roxa, o caruá do Pará, o caruá de Pernambuco, a papoula de São Francisco, na Bahia e com toda certeza a macambira, serão matérias primas perfeitamente adequadas à fabricação de sacos, além das aplicações na indústria de tecidos, dia a dia mais crescentes com a utilização do caruá e de macambira.

Conquanto esta fibra esteja, ainda, numa fase de experimentação, os resultados têm excedido à expectativa dos técnicos mais pessimistas. A percentagem de rendimento da folha, em relação ao caroá, é bastante animadora e a sua resistência bem maior. Resta verificar se ela pode superar na tecelagem o caroá. Tudo depende da revelação de coeficientes que esperam o laudo dos laboratórios. Há quem afirme, todavia, que empiricamente ela é mais fina e mais sedosa. Se estas vantagens forem verificadas, então não haverá dúvidas quanto à sua superioridade na fabricação dos produtos destinados ao vestuário.

Temos, assim, na macambira uma fonte industrial de grande importância econômica, inesgotável pela quantidade, que representa duas vezes mais do que a da Paraíba, Ceará e Pernambuco. Acresce que as folhas, por condições peculiares de clima e solo, apresentam, aqui, crescimento inigualável, o que aumenta, a par das qualidades já referidas, o seu valor.

A percentagem de fibra varia entre 3 a 5%, matéria seca a ser empregada em diferentes manufaturas.



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

Como subprodutos merecem destaque o farelo, de notável percentagem alimentícia, e consumido com avidez pelo gado em geral, e a celulose, que pode ser empregada na fabricação de papel tão bom como o que se obtém com a celulose do caroá.

A colheita não oferece dificuldades e o adiestramento dos operários que a ela se queiram dedicar faz-se rapidamente. Os mais hábeis podem até colher de 50 a 60 quilos diários de fibras, o que representa, pelos preços atuais, um salário bastante compensador. A esta e a tantas outras fibras nacionais está destinada, assim, a função econômica de poupar o Brasil os trezentos mil contos que pagamos anualmente pela juta importada. Tudo depende de sua exploração e dos métodos industriais a ser empregados.

Ao lado propriamente industrial há ainda a considerar outro também relevante. A macambira só tinha, até agora, utilidade como alimentação de emergência dos animais, por ocasião das secas calamitosas. Afora essa utilidade, é geralmente considerada como planta nociva, pois onde ela medra não viceja nenhuma pastagem. Talvez por essa razão, o sertanejo, na vigência das secas, devastava os macambirais pelo fogo, única forma empregada para transformar a planta em forragem. Isso se fazia por toda parte, de modo imprevidente e danoso à reprodução dos exemplares aproveitados com essa finalidade. Sob esse ponto de vista, essa bromeliácea passará a fornecer dois produtos, industrializáveis para os fins já mencionados e outro alimentício, com aplicação na engorda do gado, não apenas em caráter de emergência, mas como ração constante e altamente nutritiva.



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
YING-TUN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

---

Desta sorte, o aspecto nocivo dos macambirais terá sido, senão totalmente, pelo menos em parte suprimido, pois em alguns casos continuará a haver conveniência na sua destruição para a formação de pastos ou abertura de espaço ao livre trânsito de animais e pessoas empregadas nas fazendas.

O fardo referido representa produto da atividade dos Srs. Manoel Virgílio e Luiz Azevedo, este último o construtor das máquinas manuais para beneficiamento das folhas.

A título de experiência, visando naturalmente uma exploração maior, o conhecido agricultor e industrial, Sr. Florêncio Luciano, pôs à disposição desses dois bravos sertanejos os vastíssimos macambirais existentes na sua fazenda Ingá. Foi uma idéia feliz, cujos resultados merecem aplausos e todos os estímulos.

A República, 23 de Novembro de 1940.



**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**  
COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

## ***A ORIGEM DO ALGODÃO MOCÓ***

*Eloy de Souza*

A verificação de que o algodão Mocó é ou não é planta nativa do Seridó, se interessa muito à genética, interessa também à história da nossa vida econômica.

É por esta última razão que tenho me ocupado, por mais de uma vez, do assunto, e a ele volto, agora, para fixar palavras que ouvi do Dr. Teotônio Freire, cujo depoimento a respeito não quero deixar em esquecimento, por ser realmente digno de registro, e pela oportunidade que me oferece para um comentário à sua margem.

Afirmou o venerando que alcançou tempo em que não havia algodão Mocó. O algodão que vinha a Macaíba, do Seridó, não tinha, então essa denominação.

Quando em 1886, era promotor em Mossoró, leu na “Revista Industrial”, hoje desaparecida, um artigo de propaganda do algodão americano Sea-Island, ali apresentado como o melhor do mundo por sua fibra sedosa, extensa e forte. Em 1888 teve oportunidade de visitar, nesta capital, a fábrica de tecidos de Juvino Barreto, a quem perguntou se tinha notícia desse algodão.

O saudoso Industrial lhe respondeu que não só de sua existência, como até havia adquirido em Pernambuco uma certa quantidade de sementes para distribuição gratuita, sementes que



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

não só lhe mostrou, como lhe deu uma pequena quantidade, em lembrança da visita.

Confirmou aquelas qualidades, mas disse que não empregava o produto na sua fábrica, porque os teares estavam adaptados para fiação de fibra mais curta.

Pouco tempo depois foi nomeado Juiz Municipal de Capão Bonito, em São Paulo. De viagem para a sua comarca, demorou-se um dia em Tatuí, onde conheceu o proprietário de uma fábrica de tecidos, com quem teve ocasião de palestrar sobre cultura algodoeira, e a quem fez uma referencia especial ao Sea-Island, variedade que aquele industrial já havia plantado, sem nenhum resultado... As sementes germinaram, mas as plantas não foram além de poucos centímetros e morreram.

Chegando a Capão Bonito, plantou no mês de novembro uma boa parte das sementes que lhe haviam sido dadas pelo Sr. Juvino Barreto. Duas ou três delas não só germinaram rapidamente, como, desde o primeiro mês, se tornaram em arbustos de grande porte, cujos galhos se cobriram de maçãs, das quais infelizmente, nenhuma chegou a vingar. Esse insucesso o desembargador Freire atribuiu à circunstância de a plantação ter sido feita num recanto, aquecido pelo sol.

No ano seguinte plantou as sementes restantes numa área ensolarada apenas às últimas horas do dia, mas o fez no mês de outubro, exatamente o mês em que o industrial de Tatuí havia semeado o Sea-Island numa das suas fazendas. Essa coincidência levou-o a considerar que não é impossível obter em São Paulo colheitas dessa variedade de algodão americano, desde que



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

seja plantado no mês de novembro para ser colhido três meses depois, pois é mais precoce do que era o algodoeiro herbáceo, cultivado quando ele lá esteve.

Continuo a pensar que o Mocó não procede do Sea-Island, mas é planta nativa da região seridoense, como certificam o exemplar a que fiz referência em artigo anterior e outros que a tradição conservou. Evidentemente, a planta evoluiu por uma cultura empírica e adquiriu as qualidades que lhe dão hoje a primazia entre todas as variedades algodoeiras do país.

Planta vivaz, de uma resistência tenaz às agruras do clima, muitos exemplares sobreviveram à seca de 1877. Há agricultores que afirmam ter começado com esses sobreviventes as virtudes e até não sei se o batismo de Algodão Mocó.

O desembargador Teotônio Freire acrescenta que, regressando de São Paulo, nomeado Juiz de Direito para Pau dos Ferros, quando partiu de Macaíba, para empossar-se naquele cargo, passou por Currais Novos, onde foi hóspede do Major Sérvulo Pires Galvão, agricultor e comerciante no município, a quem falou no algodão Sea-Island. Aquele saudoso sertanejo, pela descrição que lhe fez o Dr. Freire, disse-lhe que possivelmente o algodão referido devia ser a mesma variedade que estava sendo há muito pouco tempo cultivada nos roçados de Currais Novos.

Mostrando-lhes as sementes de alguns capulhos abertos na sua presença, verificou ele pelo seu tamanho e forma, tratar-se, em verdade, do Sea-Island.

Essa versão, tanto quanto a afirmativa do Ilustre Itinerante de que ao seu tempo não ouviu falar em Macaíba em algodão





**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
YING-TUN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

Mocó, não prova, ao meu ver, que esta variedade tenha provindo de sementes do algodão americano. É verdade que Macaíba, naquela época, era um centro comercial dos mais importantes do Estado. Todavia, as vendas de algodão do Seridó eram feitas quase exclusivamente no Assú, praça muito mais próxima dos municípios dessa zona e na qual a Casa Soares era uma firma bancária que negociava grande parte do algodão ali produzido.

Quer me parecer, desta sorte, que o Mocó não era vendido em tempo tão remoto em Macaíba e assim sendo não devia ser conhecido pelo menos com esta denominação. Por outro lado, a falta de referência do Major Sérvulo Pires a essa variedade não quer dizer que não fosse cultivada no Seridó. Documenta, apenas, que o Sea-Island apareceu em Currais Novos depois de 1886.

Seja como for, considero preciosas as informações do meu ilustre amigo Desembargador Teotônio Freire, até porque supunho que elas podem interessar à cultura algodoeira de São Paulo.

A República, 7 de Dezembro de 1940.



**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

## **JERÔNIMO ROSADO**

*Eloy de Souza*

Ele foi, em verdade, embora nascido no Estado da Paraíba, um mossoroense que se orgulhava dessa cidadania como os que se orgulham de ter em Mossoró sua terra natal. Ali chegando em 1890 como farmacêutico, deu início à sua atividade benfazeja, tanto na sua profissão, como em tudo que se relacionava não só com os interesses da cidade e do município, como igualmente, no tocante a toda a sua zona de influência. Ninguém mais do que ele trabalhou pela construção da estrada de ferro Mossoró, não só junto aos poderes públicos do Estado e da União, como numa intensa e vigilante propaganda na imprensa do Rio Grande do Norte e do Rio de Janeiro, pedindo e obtendo dos jornalistas esclarecidos sua colaboração para o fim colimado. Hospedava engenheiros, acompanhava-os nas excursões de levantar o traçado topográfico, prestando informações adequadas e procurando orientar o traçado conforme lhe parecia mais conveniente aos interesses da região.

No tocante à inspetoria de Obras Contrás as Secas, não foi menor a assistência que prestou aos engenheiros que por ali transitaram em trabalhos profissionais. Merecem especial referência os serviços que prestou ao engenheiro americano Roderic Crandall que, atraído pela espontaneidade de sua simpatia e revelação de um espírito invulgar, fez de Mossoró o centro dos seus trabalhos, que foram longos e altamente proveitosos. Foi durante essa permanência que aquele notável profissional estudou a bacia do rio que deu nome à



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

cidade e reuniu elementos relativos à construção de uma barragem do lugar denominado “Passagem Funda”, infelizmente, até hoje deixada em esquecimento.

Por tal forma Roderic Crandall apreciou as iniciativas desinteressadas de Jerônimo Rosado que delas deixou testemunho no livro que escreveu a propósito de suas pesquisas e observações desde Pernambuco até Ceará, consignando em justo julgamento a opinião de que 10 homens com a capacidade e abnegação de Jerônimo Rosado teriam contribuído de modo considerável para a solução dos problemas atinentes à região nordestina.

Farmacêutico inteligente e culto enriqueceu a farmacopéia brasileira com vários produtos de sua autoria, todos eles muito vulgarizados. Entre estes conta-se “Viperina”, largamente usada como antídoto contra o veneno das cobras. Amigo inseparável do Dr. Almeida Castro prestaram, os dois, de profissões tão solidárias, os mais assinalados serviços à Mossoró e municípios vizinhos. Pesquisador de minérios, a ele deve o Rio Grande do Norte as descobertas das primeiras jazidas de gesso em cuja exploração não desanimou, apesar dos prejuízos sobrevindos, principalmente pelas dificuldades de transporte que, naquele tempo, tinha de ser feito em carros de boi, das fontes longínquas ao porto de Mossoró, de onde o produto era embarcado para o Rio de Janeiro.

Seu falecimento ocorreu em 1930, tendo deixado uma prole numerosa, que lhe tem continuado o nome honrado e a tradição que Mossoró venera, como exemplo da influência da educação doméstica em proveito da vida coletiva.



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

## ***A EXTINÇÃO DO GAMBIAL***

*Eloy de Souza*

Estive ontem no Serviço de Malária do Nordeste, na esperança de obter informações seguras e amplas sobre a situação do *gambiae* no Rio Grande do Norte. O Dr. Frederico Acquer, que é o diretor do setor de Natal, recebeu-me cordialmente. Conversamos sobre o problema de um modo geral. Tive o prazer de tratar com um homem inteligente e culto, mas infelizmente muito subordinado ao regime da Fundação Rockefeller, infenso ao que me parece, a dar informações sobre a execução dos seus trabalhos.

A regra vigorante em relação à febre amarela é seguida rigorosamente por aquele sanitarista, no que diz respeito ao combate à malária. Todavia, permitiu-me ver os mapas do Serviço em toda sua extensão, desde esta cidade, até a zona de Cascavel, o Estado do Ceará. A lição desses mapas é impressionante. Em primeiro lugar, o que se nos depara é a marcha do *gambiae* sempre em direção ao Oeste.

Tendo chegado a Natal, certamente, passageiro dos “aviosos” da Air France, o mosquito aqui permaneceu durante alguns anos, a começar de 1928 e daqui se irradiou por vários municípios do litoral, agreste e sertão, mas sempre orientado no mesmo rumo. Não apareceu em nenhuma cidade ou vila ao sul do Estado, muito embora em alguns municípios da zona atravessada pela Great Western sejam numerosos e extensos os pântanos,



**Banco do  
Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

onde a maleita acomete o homem, transmitida pelos anofelinos brasileiros, e somente por estes. Nunca aí se encontrou um exemplar de *gambiae*, que na sua marcha para o Oeste, até o vale do Açu, dizimou, como se sabe, alguns milhares de criaturas.

Os sanitaristas da Rockefeller, brasileiros ou não, não encontraram uma explicação para essa singularidade, que é, para nós, um mistério e para eles constitui hipóteses, e como tais permanecem. A direção dos ventos não explica essa orientação, como parece não a explicar também a biologia do mosquito. A verdade, porém, é uma só. Para o sul, o *gambiae* poderia viajar nos mesmos veículos em que viajou para o oeste: o caminho de ferro, caminhões, automóveis e até pequenas embarcações que navegam entre Natal, Canguaretama e outros pequenos portos, situados ao sul da nossa costa, meio de transporte que o *gambiae* parece ter preferido para chegar a Areia Branca e ao Aracati. A captura de muitos destes mosquitos em barcas em estado larvário ou alado, parece confirmar essa hipótese. A verdade, porém, é que ele chegou ao Açu por aqueles meios de locomoção. Esses mesmos meios não o disseminaram pelos municípios meridionais. Acompanhando a sua marcha nos mapas surpreendente até a particularidade de sua parada no município de Macaíba, exatamente no limite deste rumo de onde passou a buscar a orientação de sua preferência.

Seja, porém, como for, o que nos interessa é o desaparecimento de *gambiae* em todos os municípios onde ele reinou na sua ceifa de vidas e de invalidação de homens como utilidades produtoras. Desde aqui até o Açu, Macau, Touros e Areia Branca, no litoral se-



**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

tentrional, há meses que as turmas de captura, em constantes vigilâncias, não conseguem apanhar um único exemplar de *gambiae* e, simultaneamente, com o desaparecimento do vetor assassino, a saúde voltou às populações ainda ontem impiedosamente flageladas pela malária, sendo para notar a ausência completa de casos novos e um número insignificante de recidivas.

Esse milagre deve-se, incontestavelmente, à organização da Rockefeller e à experiência dos seus técnicos, que souberam manejar o verde-paris, em dosagens eficientes e o aplicaram em todas as águas onde o *gambiae* proliferava. A eficácia desse processo foi tanto mais vantajosa quando se verificou que aquela substância age, também, sobre as larvas dos anofelinos brasileiros, muito embora esteja de certo modo provada sua maior resistência àquele inseticida. Simultaneamente com esta profilaxia, os mosquitos foram perseguidos por um expurgo sem tréguas nos domicílios e em todos os veículos terrestres e marítimos em que se pudessem transportar.

A salubridade das regiões ainda ontem assoladas é tão boa que diante dos mapas e em face das narrativas que tenho ouvido de habitantes desses municípios, quase cheguei a lamentar que o *gambiae* não tivesse também investido para o sul, onde as maleitas tradicionais e endêmicas continuam a prostrar os habitantes rurais, embora sem causar a mortalidade da malária transmitida pelo *gambiae*, nem invalidá-los na proporção de quase 70%, como sucedeu em Açu. Basta dizer que em lugares onde a malária fez sempre numerosos doentes e o *gambiae* encontrou uma população de grande receptividade e aumentou, assim, o coeficiente de mortalidade verdadeiramente calamitoso, a malária desapareceu desses centros, permitindo



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

aos habitantes o exercício de suas atividades agropecuárias. A luta foi implacável e já custou cerca de vinte mil contos, dos quais dois terços representam a contribuição do Tesouro Nacional.

Quando o Governo Federal firmou o contrato de cooperação com a Rockfeller para combater a malária reinante aqui e no Ceará, com caráter catastrófico, escrevi nesta folha um editorial louvando a felicidade dessa iniciativa.

Posteriormente, por uma solidariedade cordial com a impaciência dos conterrâneos que duvidaram dos métodos da Rockfeller, associei-me a essa dúvida e lealmente a manifestei nestas mesmas colunas.

Mais tarde, depois de ter verificado que os Drs. Barros Barreto e Valério Konder tinham razão quando me tranquilizavam sobre os resultados dos processos que estavam sendo empregados pelos técnicos dessa Fundação, penitenciei-me do meu erro, como agora de novo me penitencio, regozijado pelo inesperado milagre salvador.

Testemunha das aflições das populações assoladas e de tal modo que o trabalho nos campos foi realizado e uma cidade quase às portas desta capital ficou deserta, tenho o prazer, agora, de proclamar a benemerência dos que cooperaram nessa grande obra de salvação pública e mais uma vez agradecer ao Presidente da República sua feliz iniciativa, sem a qual o *gambiae* teria prosseguido na sua obra devastadora em marcha até o Parnaíba e a bacia amazônica, criando para nós e outros países um problema doloroso e quiçá insolúvel.

A República (Natal), 25 de Janeiro de 1941.



**Banco do  
Nordeste**



*O nosso negócio é o desenvolvimento*



FUNDAÇÃO  
FUNG-T-UN ROSADO

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE

**EM**



UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

## ***MILAGRES DA AÇUDAGEM***

*Eloy de Souza*

O município de Caicó é o que tem maior número de açudes particulares. No recenseamento municipal de 1929 foram registrados 600 reservatórios pequenos e médios. É curioso, entretanto, assinalar que o primeiro açude construído há muito mais de um século, o açude “Recreio”, por um dos Merêncios, pertencente a uma família de pretos muito conhecida na região, foi tido como obra diabólica. A convicção dos sertanejos daquela época era a de que constituía pecado mortal prender as águas, que Deus fez livres para que corresse livres nos rios e riachos e livres entrassem no mar.

Esse vozerio se fez de tal forma maldição, que esse pobre Merêncio, Manuel ou Francisco, impressionado pelo clamor público, apareceu certa manhã enforcado. Não tardou, porém, que as secas começassem a castigar amiudamente o Seridó e assim outros açudes, por força da necessidade de retenção das águas para beneficiamento da terra, foram construídos, transmutando-se a maldição em benção benfazeja. Já em 1929, naqueles seiscentos açudes, estavam encravados 42 engenhos de rapaduras. É bem provável que os açudes e os engenhos sejam atualmente bem mais numerosos. Todavia se estes não aumentaram





**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

ou foram mesmo diminuídos, certamente, a açudagem de então para cá se terá consideravelmente desenvolvido.

O seridoense considera o açude o seu maior patrimônio; e a razão se justifica pela demonstração de todos os dias. Ele sabe que uma propriedade de cem braças de largura e trezentas de comprimento, beneficiada por um açude, é um celeiro com capacidade para alimentar até 15 famílias.

Há na cidade de Caicó um sertanejo venerando, cuja fortuna sempre consistiu numa pequena fazenda, que não media mais de 400 braças de frente por meia légua de fundo e na qual havia um pequeno reservatório. Graças às suas águas o proprietário era anualmente favorecido por vazantes, que em cereais, batatas, gerimum e outras plantas alimentícias lhe permitiram criar uma grande família, muitos de cujos membros são hoje elementos representativos das atividades agrícolas e comerciais de nossa terra.

Trata-se, entretanto, da região mais adusta do Rio Grande do Norte, aquela em que as estiagens são mais prolongadas e na qual a proporção de terras agrícolas representa uma percentagem mínima. Sem o açude, ali não existiria trabalho, e muito menos economia fundada. Os reservatórios, porém, transformaram essa esterilidade natural num solo superpovoado, com um coeficiente elevado de pequenas propriedades e onde o número de remediados é maior do que em qualquer das outras zonas do Estado.

É por estes exemplos que não me farto de clamar pela retenção das águas das chuvas, que devem ser barradas no agreste e no sertão de modo a impedir seu escoamento para o oceano, com o prejuízo da terra por ela carregada e sem os benefícios do seu repre-



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**  
**MS  
SEM**

COLEÇÃO MOSSOROENSE

**BRASIL**  
**UM PAÍS DE TODOS**  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

samento. Sem essa água benfazeja e fertilizante nunca seremos nada. Desde, porém, que a tenhamos ao nosso serviço, seremos tudo. Ela fertiliza o sedimento da montante dos açudes, terra em que uma vez descoberta, graças à umidade longamente retida, assegura a multiplicação das sementes plantadas na proporção de uma por duzentas vezes mais. Ela dessedenta os rebanhos e as populações. Enfeita a paisagem com o verde escuro dos milharais e a brancura dos capulhos de algodão. Sem ela, o sertanejo estaria privado até do canto dos passarinhos que se eleva para o céu, como que em agradecimento a Deus pela alegria de viver. A água, sobretudo no sertão, é pão e alegria, dignidade, conforto e independência.

É por isso que não cesso de clamar por esse benefício e agora e sempre pedirei ao Governo que não se esqueça de nós, dignos do amparo da nação, porque somos bons, honestos e trabalhadores. De nós, que somos brasileiros sem mistura de outro sangue, placentados à terra manter por uma tradição multissecular. De nós, que lutamos desamparados e sozinhos, durante muitos decênios, pela unidade do Brasil e fomos pioneiros e criadores de uma civilização da qual o Brasil só tem motivos para se orgulhar. Se é este, porém, um dever do Governo, que dele se vai desobrigando, não é menos dever dos sertanejos de com o governo colaborar nessa obra de redenção, empregando suas economias na construção de açudes.

Esse empreendimento atualmente lhe pesará numa proporção mínima.

Antigamente, o sertanejo construía o açude à sua custa e por processos rotineiros, que não asseguravam sua estabilidade.



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

Hoje, porém, em cooperação com a inspetoria de Obras Contra as Secas, essas despesas ficam reduzidas a 50 e até 70%, conforme a modalidade de preferida pelo requerente, nos termos da Lei reguladora no assunto.

O seridoense, é verdade que não esperou pelos favores do governo para construir o açude, base de sua economia.

Roderic Crandall, ao atravessar aquela região, teve uma forte impressão de trabalho organizado e anotou na sua “Geografia do Nordeste” que nas suas viagens de alguns anos por zonas sertanejas, o Seridó “é o único distrito onde se pode obter manteiga e queijo durante todo o ano, graças aos pequenos açudes que fornecem pastagens nutritivas às vacas leiteiras durante todo o ano”. E ele tinha razão. Sem o açude, teria sido impossível a fundação da indústria de laticínios em Caicó, com repercussão infalível na pecuária pelo melhoramento dos tipos de gado leiteiro. A fábrica de manteiga ali instalada há pouco tempo já determinou por parte de vários fazendeiros a aquisição de desnatadeiras, o que lhes permite abastecer a fábrica de creme e aproveitar o leite pobre na fabricação de queijo. Essa fabricação já representa alguns mil quilos de manteiga mensalmente, com tendência a uma progressão determinada por uma alimentação adequada às vezes e melhoramento das raças com essa finalidade produtiva.

A pequena açudagem deu-nos, assim, essa indústria. A grande açudagem nos dará, certamente, além de outras, a indústria de fiação e tecidos, com o aproveitamento da matéria prima mais barata, representada, além do mais, pelo melhor algodão do Brasil.



**Banco do  
Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**  
COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

A República (Nata), 18 de Janeiro de 1941.

## ***GÂMBIA E MALÁRIA***

*Eloy de Souza*

No meu artigo “Extinção do *gambiae*”, aludi ao saneamento de zonas que sempre foram palustres no Rio Grande do Norte, graças à profilaxia intensiva pelo verde-paris. Fiz também referência à nenhuma resistência das larvas a esses inseticidas, em contraposição às larvas dos anofelinos nacionais, que não apresentaram a mesma vulnerabilidade.

Penso que nessa simples verificação há um campo experimental vastíssimo para conclusões de grande proveito ao combate do impaludismo no Brasil. Acredito que esse aspecto da resistência das larvas dos nossos anofelinos não terá escapado às investigações do Dr. Sooper que é, como se sabe, um sanitarista universalmente conhecido e que dirigiu a campanha de combate à malária no Nordeste como verdadeiro homem de ciência. Se assim for, naturalmente sua opinião será divulgada e servirá de orientação ao governo, tão empenhado em sanear as regiões palustres do nosso país. Não estou em erro afirmando que a campanha do Nordeste ainda não está terminada, apesar de há três meses o Serviço de Malária, pelo menos no Rio Grande do Norte, ter deixado de capturar exemplares do mosquito africano, não teria sem essa profilaxia apresentado os resultados de que tanto nos regozijamos. Incontestavelmente, os meios terapêuti-



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
YING-TUN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

cos ajudaram a profilaxia, até porque, como se verifica no Açu, restituiu a saúde a alguns milhares de impaludados, que voltaram aos seus trabalhos normais, com a capacidade produtora anterior à infecção.

É, porém, preciso fixar que se a fase calamitosa foi dominada, a maleita tradicional, menos mortífera, mas de igual consequência na diminuição do trabalho humano, continua a reinar no sul do Estado na mesma proporção, constituindo causa e motivo do fraco valor econômico de toda a zona tributária da Great Western. Essa mesma maleita foi responsável por 1.950.000 doentes, com os quais São Paulo e Minas Gerais despenderam em 1939 somas avultadas e que não correspondem aos resultados desejados. Naquele mesmo ano calculava-se existirem 900.000 implaudados na Bahia e 700.000 no Amazonas e Pará, ou seja, a metade da população dessa região.

Não estou par dos processos empregados em Minas, São Paulo e Bahia contra essa devastadora epidemia. Acredito, todavia, que apesar dos recursos financeiros de São Paulo e da eficiente organização do seu Departamento de Saúde Pública, a agressão aos mosquitos transmissores adultos ou em estado larvário, não terá obedecido à mesma prática da Fundação Rockefeller, no Nordeste. Parece que ali, menos do que a profilaxia pelos inseticidas, deu-se preferência aos sais considerados profiláticos e específicos do impaludismo, método que aqui foi empregado antes da atividade daquela Fundação, pode-se dizer sem proveito apreciável. Os doentes submetidos a esse regime recaíram, em alguns casos, na sua totalidade. Convém assinalar que as difi-



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

culdades a vencer não foram pequenas quanto ao emprego desses sais, já pelas diferentes formas a serem atacadas, alguma delas resistentes ao quinino, já pela sensibilidade dos doentes, muitos dos quais com manifesta idiosincrasia a alguns sais, quer se tratasse do quinina, quer da atebрина.

O sucesso da Rockfeller no Nordeste foi de tal ordem que, provavelmente, o governo o considerará, num plano futuro de combate geral ao impaludismo. Não que eu duvide e ninguém duvidará, tão pouco, da capacidade dos nossos sanitaristas para uma campanha de igual envergadura. Aqui mesmo, antes do acordo do governo com aquela Fundação, tivemos uma esplêndida demonstração dessa capacidade. Não há, porém, negar que os métodos administrativos da Rockfeller e a sua técnica realizaram no Nordeste um verdadeiro milagre, para o qual, numa boa parte, concorreu a isenção de peias burocráticas no manejo das quantias a serem aplicadas de acordo com as necessidades insurgentes. Em problemas dessa natureza, o tempo contribui numa enorme proporção para a solução projetada. Estou convencido, até, que com os empecilhos usuais da administração normal, sua eficiência teria sido sensivelmente reduzida, senão anulada. Por igual se lhe tivesse faltado a colaboração das coletividades flageladas, o mesmo se teria verificado.

Recordo-me de que os habitantes do Açu foram traiçoeiramente assaltados pela violência do impaludismo. Pode-se dizer que a moléstia atingiu a totalidade da parte agrícola do município. Uma propaganda, porém, bem conduzida os instruiu rapidamente na maneira de auxiliar os sanitaristas no combate



**Banco do  
Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**  
**MS  
SEM**

COLEÇÃO MOSSOROENSE

**BRASIL**  
**UM PAÍS DE TODOS**  
**GOVERNO FEDERAL**

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

ao *gambiae*. Dentro de pouco tempo se familiarizaram de tal modo com a biologia do mosquito, que um médico muito inteligente, mas egresso da clinica há alguns anos, me afirmou que aqueles bravos sertanejos a conheciam melhor do que ele próprio, já esquecido do que a respeito aprendera com os professores da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Se essa colaboração não foi com a mesma inteligência e intensidade verificada em todos os municípios assolados, é certo, todavia, que de um modo geral apesar da ignorância do maior número, firmou-se a crença de que o mosquito era o transmissor da moléstia e o maior inimigo do homem e daí o empenho com que ele era perseguido, fora ou dentro das habitações e denunciadas aos guardas e inspetores as aguadas onde existiam martelos.

A atividade do combate à malária está presentemente estacionária, mas em estado de vigilância de modo a acudir ao primeiro rebote de reaparecimento de alguns exemplares de *gambiae*. Ela deverá perdurar por muito tempo. O inimigo é solerte e há pelas várzeas ou tabuleiros muita fonte perdida, onde ele poderá proliferar.

A República, Natal, 31 de Janeiro de 1941.



**Banco do  
Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**  
COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

---

## ***ESTRADA DE FERRO SAMPAIO CORREA***

*Juvenal Lamartine*

Andou acertado o governo dando nome de SAMPAIO CORREA à Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte. Foi uma justa homenagem ao grande e pranteado engenheiro, a quem o nosso Estado tanto deve. Foi esse ilustre profissional que iniciou os estudos para a solução dos problemas das secas do Nordeste e o fez no momento em que o Rio Grande do Norte estava a braços com uma terrível seca e a nossa capital invadida por milhares de famintos, a dormirem pelos passeios das ruas quase despidos, exibindo uma miséria dolorosa. Já se tinham registrado alguns obtidos pela fome. A situação era desesperadora. Pedro Velho apelou para o Governo Federal. Lauro Müller, Ministro da Viação, respondeu-lhe que não podia mandar atacar nenhuma obra sem prévio estudo e que ia providenciar com urgência, enviando uma comissão de técnicos sob a chefia de um engenheiro competente para proceder aos estudos das obras mais importantes para o combate aos efeitos das secas, de preferência estradas e açudagem.

Lauro Müller, com sua visão pronta de estadista e dotado de uma das mais vigorosas inteligências que o Brasil tem conta-





**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

do na alta administração, nomeou Sampaio Correa para essa importante comissão, origem do atual Departamento Nacional de Obras Contra as Secas.

É o próprio Sampaio Correa que descreve como se deu sua escolha para chefiar a comissão de estudos: “Havia terminado uma aula na Escola Politécnica, quando fui, pelo bedel, avisado da chegada ao velho edifício do Largo de São Francisco, do meu grande mestre e inolvidável amigo, Paulo de Frontim, que mandara pedir a minha presença em seu gabinete, ao lado então da sala de máquinas. Acudi ao chamado, mas apenas ouvi do mestre a recomendação de ir, com urgência, ao Ministério de Viação, onde o Ministro me aguardava para tratar de assunto urgente. Sobre a natureza deste, nada me disse Paulo Frontin, cuja fisionomia, no entanto, bem revelava a íntima satisfação no transmitir-me o recado do Ministro. Como me queria bem e me quis bem até a morte o grande brasileiro! Segui para o Ministério da Viação, certo de que iria ouvir algo de bom e agradável. A maneira sorridente e jubilosa por que me falara o mestre, não me permitia formular outra hipótese. Não conhecia pessoalmente o Ministro. Isto, porém, pouco importava. Em curto tempo cheguei ao edifício que Buarque de Macedo fez construir no Largo do Paço, onde então funcionava aquela Secretaria de Estado. Eram quase três horas da tarde. Encontrei Lauro Müller já de saída para o Catete, no meio do primeiro lanço da escadaria. Reconheceu-me logo e, calmamente, com simplicidade encantadora, assim falou:



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

---

“Pedi ao Frontin que o fizesse vir à minha presença, porque desejo fazer-lhe um convite. Quando Frontin foi nomeado Engenheiro Chefe das Obras da Avenida (então apenas iniciadas) propôs-me fosse o Sr. um dos seus dois chefes de seção. Recusei, pois o considerava muito moço para confiar-lhe serviço de tão alta responsabilidade. Pouco tempo depois o Luiz Van Erven, Inspetor Geral das Obras Públicas também queria fosse o Sr. o primeiro engenheiro da Repartição, que dirigia para encarregá-lo do novo abastecimento d’água a esta cidade, incluído no programa que o Presidente traçou. Os mesmos motivos que me levaram a não atender a proposta do Frontin fizeram-me a não concordar com a indicação. Passados alguns dias, o meu secretário, Manoel Maria de Carvalho trouxe de novo o seu nome à baila, indicando-o para auxiliar o general Souza Aguiar na Exposição de Chicago. Ainda nesse caso, e pelos mesmos fundamentos anteriores, não aceitei a sugestão”.

“Agora acentuam-se os efeitos maus de prolongadas secas no Estado do Rio Grande do Norte, o governo resolveu enviar uma comissão de técnicos para estudar o problema e iniciar imediatamente o combate àqueles efeitos. Espontaneamente, sem sugestão de quem quer que seja, lembrei-me do Sr. para dirigir a comissão, precisamente porque o considero muito moço. O sucesso de empreendimentos, em tão precárias e tão prementes condições, depende muito da audácia de coragem dos técnicos, e os moços, como o Sr., podem apresentar estas duas qualidades.



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

Quer aceitar o cargo de Engenheiro-Chefe da comissão a organizar?

Surpreso e perplexo, mesmo por não haver bem compreendido, no momento, o pensamento, por assim dizer paradoxal, de Lauro Müller, que segundo me dissera e eu até então ignorava, havia recusado a indicação do meu nome, por várias vezes, para o desempenho de funções sem dúvida de muito menor responsabilidade, aceitei a incumbência de organizar a comissão”.

Sampaio Correa organizou a comissão, com gente moça, rapazes recém formados e quase todos seus discípulos, como José Luiz Batista, Henrique de Novais Barrozo e outros mais, muitos dos quais chegaram a atingir posições de relevo na profissão. Não faltou mesmo quem o acusasse de haver organizado uma comissão de teóricos, o que deu lugar a Bastos Tigres escrever o seguinte soneto:

Para o Rio Grande do Norte  
Partiu a comissão encarregada  
Pelo governo de fazer...  
Projetos  
De construção de açudes e de estradas  
Que há de prestar serviços aos nossos netos.  
Lá do Rio Grande a terra desolada  
Vai tomar uns novíssimos aspectos  
Pois darão bela conta da empreitada  
De Felipe os discípulos diretos.  
O povo à mingua ali não morre mais  
Os engenheiros, teóricos distintos



**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

Matam a fome a golpes de integrais...  
E pelas secas e crestadas matas  
Irão levar aos míseros famintos  
O DEBOUVE ensopado com batatas.

Enganaram-se, porém, o poeta e os que criticaram Sampaio por haver organizado uma comissão de jovens engenheiros inexperientes. No dia seguinte à chegada da comissão nesta cidade, já eram iniciados os trabalhos da Estrada de Ferro Natal a Ceará-Mirim, que mais tarde tomaria o nome de Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte e hoje Sampaio Correia.

Acompanhei Sampaio Correia e alguns dos seus auxiliares de comissão na sua primeira excursão de estudos ao interior do Estado. Foi uma viagem penosíssima durante mais de 20 dias em animais péssimos e magros, numa época de seca total. Muitas vezes encontramos dificuldades de adquirir para comprar os alimentos de que necessitávamos. Posso dar, por conseguinte, o meu testemunho de como cada engenheiro se esforçava para cumprir seu dever e tomava a sério a tarefa que lhe era confiada pelo chefe.

Foi uma idéia feliz a do Ministro Lauro Müller, confiando a um engenheiro moço e que se cercou de jovens profissionais, a chefia da primeira comissão de estudos das obras a executar no Nordeste para combater os efeitos das secas. Não creio que um homem velho, numa época de violenta seca, em lombo de animais magros, pudesse suportar as canseiras e fadigas que encontramos na peregrinação que fizemos pelo interior do Rio Grande do Norte.



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

---

Tribuna do Norte

## ***POLÍTICA RURALISTA: O VALE DO AÇÚ***

*Juvenal Lamartine*

O robustecimento da economia agrícola do Rio Grande do Norte depende, em grande parte, da cultura intensiva das ótimas terras de aluvião do vale do rio Açú, que é o mais importante do Rio Grande do Norte, quer em extensão, quer em variedade da produção agro-industrial. Até hoje, as nossas estatísticas de produção só se referem ao vale do rio Açú para registrar o volume de cera de carnaúba com que este vale concorre para o total da produção de ceras que exportamos. Sua riqueza é, entretanto, das mais variadas, senão na realidade pelo menos em potencial. Falta, porém, aplicar neste extenso trato de terra uma política econômica inteligente para que o vale do Açú se torne, num período relativamente curto, um grande fator de riqueza no Rio Grande do Norte.

Quando, em 1928, primeiro ano de meu governo, subi de Macau até a cidade de Açú, verifiquei, desde logo, que o aproveitamento do maior trato de terra agrícola do Rio Grande do Norte, dependia do cerco do vale. Externei essa opinião a vários



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

amigos, proprietários de terras nesse mesmo vale, encontrando certa resistência por parte de alguns deles, sobretudo dos criadores. Essa resistência decorre dos nossos atrasados processos de criação. A criação extensiva em campos abertos só dava rendimento compensador ao seu criador quando a nossa população era numericamente muito inferior à atual e fácil o seu abastecimento em certas zonas úmidas do nordeste, como eram os brejos da Paraíba e algumas terras agrícolas de nosso Estado. Hoje, que a população cresceu rapidamente e as necessidades de seu abastecimento aumentaram na mesma proporção, necessitamos conciliar as duas atividades agrícolas – lavoura e criação, para delas retirar um rendimento completo, pois a criação depende cada vez mais da lavoura.

Cercado esse extenso vale, desde a cidade do Açu até abaixo da vila de Pendência, e cultivadas intensa e mecanicamente as suas terras, a produção de algodão, cereais, legumes, frutas e hortaliças, se elevará a uma soma muitas vezes superior ao da pequena e mal cuidada criação nele feita. As forrageiras que a lavoura forneceria dariam para manter em ótimas condições um rebanho bem superior ao que se cria atualmente no vale do Açu. É apenas uma questão de um pouco mais de cuidado e de trabalho. Cedo os criadores se convenceriam facilmente de que vale mais a pena, sob o ponto de vista econômico, criar cem rezes selecionadas e bem alimentadas, do que duzentas ou trezentas em campo aberto, sem seleção e sem os cuidados que exige uma criação bem feita.

O cerco do vale do Açu deve exigir de duzentos e cinquenta a trezentos quilômetros de cerca, cuja despesa global é



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

realmente grande, dada à carestia do arame e da mão de obra, mas bem pequena para cada proprietário em particular, que só tem que fazer e conservar a cerca da testada de sua terra. O Estado poderia importar, sem o ônus do imposto de importação, o arame e os grampos necessários ao cerco, construir as cercas, cobrando dos proprietários a parte que tocasse a cada um, e como o vale do Açu interessa a quatro municípios, o Estado nomeará um delegado regional para fiscalizar a conservação das cercas, uma vez que um só município não terá atribuições para agir no território de outro município.

Dentro de poucos anos todos os proprietários do vale, inclusive os criadores, se convenceriam do acerto da medida e seriam os primeiros a pedir ao Governo que não relaxasse a fiscalização para a boa conservação da cerca, diante dos resultados econômicos, que não só eles, como toda a população do Rio Grande do Norte obteriam com essa providência salvadora e acertada. Seria de alto alcance econômico plantar avelóz em todo o correr das cercas, afim de, dentro de oito ou dez anos, substituí-las completamente e dispensar a despesa de conservação. O próprio carnaubal aproveitaria com essa medida aumentando de vinte a trinta por cento o seu rendimento em cera, pois a criação não danificava, como faz atualmente o carnaubal novo.

Vivemos numa região e estamos numa época em que é um verdadeiro crime contra a economia pública deixar em abandono terras como as do vale do Açu e as da faixa úmida do litoral no nosso Estado, que podem abastecer de gêneros de primeira necessidade



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

a população Norte Riograndense, mesmo nos anos de grande escassez de chuvas.

Tribuna do Norte

## ***LIGAÇÃO RODOVIÁRIA CAICÓ-POMBAL***

***Juvenal Lamartine***

É de urgente necessidade para uma grande parte do Rio Grande do Norte e Paraíba, fazer-se a ligação rodoviária do município de Caicó, neste Estado, com os de Pombal e Patos, na Paraíba, passando por Serra Negra, à margem esquerda do Rio Grande do Norte, que é de importância econômica capital para o nosso Estado, que, não sei porque, está sempre em atraso com a construção de suas vias de comunicação, sejam elas rodoviárias ou ferroviárias. Essa morosidade é um dos mais importantes fatores que têm concorrido para o nosso atraso.

A Estrada de Ferro Sampaio Correia, mandada construir ainda no governo Rodrigues Alves, com a finalidade de atravessar todo o sertão norte-rio-grandense e o paraibano, em direção ao São Francisco, como obra urgente de socorros contra as secas, hoje se arrasta preguiçosamente, dentro do nosso território, sofrendo, de quando em quando, longas interrupções nos seus trabalhos de construção e criminosos desvios de sua orientação,





**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

como aconteceu quando pretenderam levar a linha através da serra de Santana, com curvas mínimas de trezentos metros e rampas máximas, de 1,2%, isso, com o intuito exclusivo de aumentar os lucros dos empreiteiros.

Esse desvio de orientação, que custou ao governo federal muitos milhares de contos, foi determinado sem estudos prévios, galgando uma serra de setecentos metros de altitude. Verificada a impossibilidade de construção, o governo indenizou os empreiteiros e mandou retomar a orientação primitiva. Ale do prejuízo dos referidos milhares de contos, tivemos um ainda maior: o de vários anos de interrupção no prolongamento da linha.

O mesmo tem acontecido nalgumas estradas de rodagem, de importância incontestável para o nosso desenvolvimento econômico e isso quando em outros Estados acelera-se a construção de linhas de comunicação, até as nossas fronteiras, facilitando a saída de nossa produção para fora de nosso território.

A estrada de rodagem de Caicó a Pombal e Patos, passando pela cidade de Serra Negra, cujo município ainda não tem um quilômetro de rodovia, é de grande interesse para os dois Estados, Rio Grande do Norte e Paraíba, porque facilita o intercâmbio de pessoas e mercadorias de uma região densamente povoada e grande produtora de cereais, legumes e do famoso algodão de fibra longa, o mocó.

A única obra d'arte importante que exige essa rodovia é a ponte sobre o Rio Espinharas, a uma centena de metros, talvez, à jusante de Serra Negra, no lugar em que o rio corre sobre um



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

leito de granito, facilitando e economizando a construção da ponte, utilíssima e de necessidade indiscutível.

Agora, que temos sediado em Caicó um batalhão rodoviário, é oportuno examinar essa obra e urgente atacar a sua construção em terreno sólido e com pequenas obras d'arte.

Pombal e Patos, na Paraíba, já trouxeram as suas estradas de rodagem a poucos quilômetros de cidade de Serra Negra, faltando, apenas, que o Rio Grande do Norte prolongue a sua estrada de Caicó àquela cidade, para termos transporte fácil e rápido, desde a nossa capital até o interior da Paraíba a encontrar nesse Estado a linha férrea já em tráfego, da estrada que vem do Ceará e Patos e que, tendo começado muito depois da Estrada de Ferro Sampaio Correa, já cortou quase todo o sertão paraibano, cuja economia recebeu um grande alento trazido por essa via férrea.

Tribuna do Norte, 2 de Julho de 1955.



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

---

## ***RETARDADAS AS OBRAS DE RECUPERAÇÃO DO ESTADO***

*Juvenal Lamartine*

Uma das razões, e talvez a mais importante do retardamento econômico do Rio Grande do Norte pode ser procurada na inexecução das obras federais projetadas como combate aos efeitos das secas que tão repetidamente nos visitam.

É fácil demonstrar essa asserção, fitando-se uma série de obras projetadas e estudadas, muitas delas começadas e algumas mesmo abandonadas depois de vultosas despesas ou se arrastando a passo de tartaruga, como se o país fosse prodigiosamente rico e pudesse enfrentar tão elevados gastos sem abalar a sua economia.

Enquanto que a Estrada Central do Rio Grande do Norte, hoje “Sampaio Correia”, cuja construção começou em 1904 e se destinava a atingir o São Francisco, ainda não chegou às margens do rio Açu, um prolongamento da viação férrea cearense, começado muito depois, atravessou todo o sertão paraibano, traçando um círculo de aço em torno do Rio Grande do Norte e



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

já se encontra galgando os primeiros contrafortes na Borborema. O açude Gargalheiras, cujos estudos começaram na mesma época isto é, em 1904 e teve sua construção contratada com uma firma idônea por cerca de dois mil contos, teve seu contrato rescindido, nele já se tendo gasto mais de cinquenta mil contos, sem que se tivesse, ao menos, começado os alicerces.

O Porto de Natal, cujas obras de melhoramento começaram há mais de sessenta anos, tem a sua barra obstruída para navios de mais de 23 pés de calado, não obstante oferecer um ancoradouro profundo, vasto e tranqüilo, ainda não pode ser visitado por navios maiores, porque não foi até agora removida a pedra que reduz a profundidade de sua entrada.

O açude Serra Negra, no rio Espinharas, à montante da cidade do mesmo nome, estudado, projetado, oferecendo condições para construções muito superiores à do açude Orós, no Ceará e com a capacidade de um bilhão e seiscentos milhões de metros cúbicos d'água, foi abandonado para não prejudicar alguns proprietários de sua bacia de montante, que se opuseram à sua construção.

Este açude que beneficiaria dois Estado e redimiria contra os efeitos da seca uma grande porção do Nordeste Brasileiro, foi preterido por uma barragem do Boqueirão de Oiticicas, no Rio Piranhas, onde foram gastos vinte mil contos sem que os estudos tivessem sido concluídos e isso porque, todo mundo sabe, desde os técnicos do DNOCS, até o sertanejo mais ignorante, que é impraticável a construção do açude Oiticicas.



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

Agora mesmo, há um caso que revela bem o descaso ou indiferença para com os interesses do Rio Grande do Norte. Foi projetada a ligação das cidades paraibanas Pombal e Patos com a estrada de penetrações passando pelas cidades de Serra Negra e Caicó. Os trechos muito mais longos e mais dispendiosos dentro da Paraíba já foram construídos, pois a estrada que parte de Pombal já penetrou no município de Serra Negra e a de Patos se encontra nos subúrbios desta cidade, enquanto que nada se fez ainda, até agora, entre Serra Negra e Caicó, tendo mesmo ocorrido um fator curioso: seguiu uma turma de trabalhadores, dirigida por técnicos do DNEP para estudar a ponte sobre o Rio Espinharas, na cidade de Serra Negra onde devesse encontrar as estradas de Pombal e de Patos. Essa turma, em vez de seguir para Serra Negra, foi trabalhar no Sabugi, que confundiu com o das Espinharas e só quase dois meses depois foi que se apercebeu do engano.

Nesse caso, foi visível o propósito de não construir a estrada de Serra Negra. Não consta, porém, que o DNER tenha tomado qualquer providência para punir os responsáveis por tão grave falta e tal elevada quantia de dinheiro que o fato ocasionou com a despesa proveniente desse engano.

Enquanto que nos demais Estados do Nordeste acelera-se a construção das obras estudadas para combater os efeitos das secas, as do Rio Grande do Norte ou são suspensas, ou interrompidas, depois de consumidas importantes somas de dinheiro da nação. Foi, por essa razão que uma vez eu disse ser o meu Estado enteedo de mau padraço.



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



FUNDAÇÃO  
FUNGT-UN ROSADO  
COLEÇÃO  
MS  
SEM



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

Tribuna do Norte, 8 de Maio de 1955.

## ***PENETRAÇÃO DO SERIDOENSE***

*Juvenal Lamartine*

Sempre que procuramos um exemplo de tenacidade e resistência contra as asperezas do meio físico, citamos o Seridoense, que apresenta um otimismo e energia invulgares, diante um solo desnudo e paupérrimo de frutos espontâneos da natureza.

Por mais paradoxal que pareça, foi a grande seca de 1877 a 1879 que despertou e retemperou as energias do Seridoense, até então entregue, como as demais populações do interior nordestino, aos labores fáceis da criação extensiva em vastos campos abertos.

Os três anos seguintes daquela seca, sempre citada como um dos maiores flagelos que já se abateu sobre a população nordestina, aniquilaram os rebanhos e tangeram a população sertaneja para o litoral marítimo, numa desordem e miséria, ainda hoje lembradas com pavor por quem assistiu esse êxodo de criaturas seminuas, famintas, morrendo pelas estradas, de sede e de fome.

Do Seridó, porém, quase ninguém emigrou, embora fosse a região mais desprovida de recursos naturais do interior do Es-



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

tado. Surgiu nessa época a primeira vazante no leito ressequido dos rios. Um daqueles sertanejos fortes e dispostos a lutarem contra a inclemência da natureza, lembrou-se de adubar as areias do rio que cortava sua propriedade e plantar feijão e batata doce. O resultado surpreendeu ao próprio plantador e foi prontamente imitado por quantos puderam fertilizar com um pouco de estrume de curral, alguns metros de areia, mesmo que tivessem de retirar a camada seca da superfície dos leitos dos rios.

A seca empobreceu, mas não despovoou o Seridó, cujo povo resolveu, numa luta verdadeiramente épica, modificar o meio construindo açudes, barragens, grandes cercados de pedra, fundando a lavoura de algodão, como o mocó – espécie resistente e de fibra longa, que depois de cobrir as várzeas vai galgando as caatingas e tabuleiros, até a bem pouco tempo considerados impróprios a qualquer lavoura.

Os açudes, as vazantes do leito dos rios e o algodão mocó foram incontestavelmente os elementos mais poderosos de fixação do Seridoense numa região seca sem recursos naturais.

Todos os setores da atividade sofreram a influência dessa tenacidade construtora. As propriedades, antes pro-indivisas, foram demarcadas, valorizando-se grandemente, e surgiu o espírito de previdência manifestado no armazenamento de cereais para abastecimento nos anos de escassez, as fazendas começaram a apresentar um conforto desconhecido até então e as cidades e vilas cresceram rapidamente, edificando-se prédios modernos e de arquitetura agradável.

Mas a população crescia rapidamente e já não encontrava campo para sua atividade. Era forçoso emigrar. A Amazônia, que era



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

a atração do nordestino, não seduziu o Seridoense, que preferiu fixar-se dentro do próprio Estado, nos municípios vizinhos, que passaram a ser um prolongamento da terra querida onde nascera e em cuja aspereza retemperou sua fibra de lutador.

Povo forte e enérgico, o Seridoense procurou se expandir conquistando novos campos para a sua atividade. Com hábitos de economia, disciplina e experiência do trabalho, adquiridos na luta áspera contra uma natureza agressiva, ele irradiou sua atividade e capacidade de realização por todos os municípios vizinhos, tais como São Tomé, Santa Cruz, Santana do Mato, Angicos, Açu, etc., nos quais adquiriu propriedades, construiu açudes, barragens e introduziu a cultura do algodão mocó. Todos os municípios, pelos quais vai se expandindo o Seridoense, experimentam rapidamente os benefícios do trabalho organizado e a experiência desses nossos conterrâneos afeitos à luta pela vida, num ambiente selecionador de homens fortes.

O sistema de parceria agrícola que o Seridoense adaptou, vai conquistando o Estado nas regiões em que esse sertanejo ativo penetra e se fixa. É uma associação de interesse altamente benéfica, não só ao proprietário da terra, como ao plantador que é financiado e assistido por aquele, com quem reparte, depois de colhido, o algodão que cultivou sem nada pagar dos outros frutos que colhe.

A penetração do Seridoense vai se fazendo já nos municípios do litoral, tais como São Gonçalo e outros, onde grandes propriedades até agora abandonadas, vão sendo adquiridas e estão sendo transformadas pelo trabalho, de modo a se transfor-





**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

---

marem em importantes centros de atividades agrícolas. É uma expansão altamente benéfica aos interesses e ao futuro do Rio Grande do Norte, que precisa elevar a sua produção algodoeira a 100 milhões de quilos, dentro de um quinquênio, e produzir cereais, farinha e legumes para suas necessidades.

Há, porém, uma barreira que está impedindo a fixação do Seridoense nos vales úmidos e ricos do litoral lamentavelmente abandonados. Essa barreira é o impaludismo.

No dia em que forem drenados e saneados os vales úmidos do nosso litoral, a penetração do Seridoense neles se fará rapidamente, transformando-os em centros de grandes atividades agrícolas, como são os brejos da Paraíba.

A República, 23 de Fevereiro de 1938.



**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**  
COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

## ***MUNICÍPIOS DO SERIDÓ: SERRA NEGRA***

*Juvenal Lamartine*

Em 1673, os Irmãos Oliveira Ledo e seu cunhado Manoel Barbosa de Freitas requereram ao governador geral do Brasil, com sede na Bahia, uma sesmaria, a começar no pé da Serra do Teixeira, seguindo pelo rio Espinharas abaixo, com três léguas para cada lado do mesmo rio, até a sua desembocadura no rio das Piranhas. Alguns anos depois, Manoel Barbosa de Freitas doou a seu sobrinho, Manoel Pereira Monteiro, um trecho dessa sesmaria, a começar no poço do Trapiá e seguindo pelo rio abaixo, até a barra do Riacho Fundo, tendo três léguas para cada lado do rio.

Ainda hoje se encontram os dois marcos iniciais, limitando esse trecho da doação.

Manoel Pereira Monteiro foi tomar posse de suas terras, acompanhado da mulher e de cinco filhos varões, fundando fazenda de criação de gado, à margem esquerda do Espinharas, no lugar denominado Serra Negra, cujo nome decorre do de uma serra, ao pé da qual Manoel Pereira situou os seus currais de gado, serra esta que tomou esse nome, segundo uns por ter uma



**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

moça morta ali, uma escrava fugida e, segundo outros, por ser muito densa a sua vegetação e ter uns lajedos manchados de preto.

Dos filhos do fundador de Serra Negra, só um, Manoel Pereira Monteiro Filho constituiu família legítima, casando-se em Goiana, de Pernambuco, com Teresa Tavares de Jesus, a qual teve 11 filhos, dois homens e nove mulheres. Os demais – Antonio Pereira Monteiro, que veio a ser grande criador na fazenda Arapuá, abaixo de Serra Negra, só teve uma filha que morreu solteira, mordida por uma jararaca; Francisco Pereira Monteiro que nunca se casou e morreu em idade avançada, tendo, em 1767 feito doação do grande patrimônio à padroeira de Serra Negra, com a condição de ficar dirigindo-o enquanto vivesse; e João Pereira e Fernando Pereira Monteiro, ambos padres.

João Pereira faleceu muito cedo de um derrame cerebral e Fernando foi coadjutor de uma capela no município de Pombal, onde consta ter constituído família, cujos descendentes ainda vivem.

Das 9 filhas de Manoel Pereira Monteiro Filho, 4 casaram-se com os irmãos Gomes e Álvares de Faria, que foram de Pernambuco para Serra Negra e duas com dois sobrinhos – Antonio Álvares Mariz e Francisco Pereira Mariz, morrendo solteiras as outras três.

O fundador de Serra Negra, o capitão Manoel Pereira Monteiro, chegando ali em 1728, tratou logo de construir uma capela com a invocação de Nossa Senhora do O' e hoje transformada na belíssima matriz da cidade, cujo altar mor é um pri-



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

mor de arte. Essa capela foi o primeiro templo católico erigido em toda a região seridoense e seu primeiro patrimônio foi doado em 1735, pelo fundador de Serra Negra e sua senhora. O tabelião que lavrou a escritura de doação veio expressamente do Piarcó, para tal fim, tendo a segunda doação feita por Francisco Pereira em 1763, sido lavrada em notas do tabelião de Pombal.

Os descendentes do capitão Manoel Pereira Monteiro povoaram quase todo o município de Serra Negra, fundando importantes fazendas de criação de gado, construindo casas grandes ainda existentes e vários açudes, alguns dos quais já contam mais de cem anos.

Entregaram-se todos eles à profissão de criadores, tendo concorrido para isto a excelência de pastagens nativas ali existentes.

Atribuo a duas circunstâncias, o atraso em que o município de Serra Negra permaneceu até pouco tempo, em relação a outros mais novos: primeiro a de os seus habitantes terem vivido exclusivamente da pecuária, sem cogitarem de outra profissão, como a de comerciante ou industriais, que os forçassem a viajar, só fugindo a esta regra o atual senador Dinarte Mariz; a segunda é a de estar localizado o município na extremidade do Estado, fora das vias de comunicação mais importantes do interior.

Durante muitos anos, homens influentes e gozando de largo prestígio junto à política geral, como o coronel Antonio Álvares Mariz, só freqüentava o Caicó, onde exerceu legítima influência política, só visitando, raramente, a sede do Município de Serra Negra e pouco se cuidando do seu desenvolvimento,



**Banco do  
Nordeste**



*O nosso negócio é o desenvolvimento*



FUNDAÇÃO  
FINGST-JUN ROSADO

COLEÇÃO  
MS  
SEM



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

quer material, quer moral. Era tão grande o prestígio do Coronel Antonio Álvares Mariz, amigo íntimo e parente do Marquês de Olinda, que na seca de 1845 teve em sua fazenda Arapuá um destacamento de forças do Exército, a fim de garanti-lo durante a grande seca que devastou, naquele ano, todo o Nordeste.

Seria, portanto, muito fácil a um homem do prestígio do Coronel Mariz ter conseguido para Serra Negra, melhoramentos de grande importância que teriam concorrido, imensamente para o seu progresso e o seu desenvolvimento social e político.

A criação do município de Serra Negra foi decretada em 3 de agosto de 1874, quase vinte anos depois do falecimento do coronel Antonio Álvares Mariz que, se tivesse se interessado pela sua terra e a de seus antepassados, teria deixado Serra Negra, senão como sede de Comarca, pelo menos, como um dos municípios mais importantes, ricos e prestigiosos da zona seridoense.

O solo de Serra Negra é um dos melhores da zona seridoense e o mais abundante em vegetação e em ricas pastagens para toda e qualquer espécie de criação, tendo, até pouco tempo, uma fauna muito rica, hoje quase toda destruída pela imprevidência dos homens e falta de suprimento de animais.

O município, além de ser o que oferece melhores condições para uma criação intensiva de animais de boa raça, possui algumas jazidas de minérios, umas já exploradas com resultados satisfatórios. Não possui, porém, ainda, uma obra importante de proteção contra os efeitos da seca, embora nele já tenha sido estudado o maior açude do Rio Grande do Norte – Serra Negra,



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
YING-TUN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

---

com a capacidade de um bilhão e seiscentos milhões de metros cúbicos d'água e que se fosse construído redimiria grande trecho do Nordeste seco, no Rio Grande do Norte e Paraíba.

O município não tem, sequer, uma boa estrada de rodagem, nem uma só ponte em seus rios. Possui, entretanto, os melhores açudes particulares do Seridó, não só para produção de vazantes, como para a de peixe de água doce, sendo que o maior número de engenhos de fabricação de rapaduras possui, entre todos os demais municípios do Seridó, dele se destacando há cerca de oito anos, o município de São João do Sabugi de que falarei brevemente.

Tribuna do Norte, 1 de Março de 1955.



**Banco do  
Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
YING-TUN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

---

## ***A PECUÁRIA NORTE-RIO-GRANDENSE***

***Juvenal Lamartine***

O Boi como exploração econômica precedeu, no Rio Grande do Norte, a própria cana de açúcar e foi o elemento de penetração e colonizador dos nossos sertões. Os primeiros currais fundados no interior do Nordeste Brasileiro encontraram rica pastagem e um clima favorável ao desenvolvimento rápido da pecuária, mas defrontaram, desde logo, com as grandes estiações que se foram repetindo, cada vez mais amiudamente. Outro qualquer povo teria desistido da criação do gado diante das dificuldades encontradas e dos prejuízos sofridos, mas o nosso sertanejo, teimoso e tenaz, vem, através de séculos de lutas, persistindo em manter e melhorar essa fonte de renda do nosso Estado. Conheço bem o drama da pecuária, pois o tenho vivido durante toda a minha existência.

Descendo de criadores e nasci e me criei numa fazenda de criação, exercendo, até hoje, a difícil profissão de modesto pecuarista. Quase criança, ainda, despertava ao romper do dia, para acompanhar os trabalhadores do meu pai na penosa faina de tratar do gado magro. Enquanto eles derribavam os galhos dos



**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

juazeiros, eu e meu irmão Clementino espalhávamos os ramos, cujas folhas o gado faminto devorava em poucos minutos. Voltando à casa para o almoço, íamos depois dele encher os cochos d'água para algumas rezes mais fracas que não podiam alcançar a bebida que ficava um pouco distante e, apesar da incidência do Sol, queimar em fogueiras os espinhos dos xiquexique e cardeiros, a fim de cortá-los em pequenos pedaços para alimentar as rezes mais fracas.

À noite, despertávamos uma e mais vezes, para ajudar os trabalhadores da fazenda a levantar as vacas magras a fim delas não ficarem entrevadas e sem poder manterem-se de pé. Muitas vezes puxei durante horas a fio, uma corda passada num carretel, a fim de trazer, do fundo de um poço a água para o gado magro.

Sou testemunha de muitos sertanejos venderem metade das vacas de seu curral para construírem açude que garantisse a água e um pouco de forragem para o seu rebanho, nos anos de seca. Vi outros, como o meu pai, vendendo, por preço vil, parte de seu rebanho para educar seus filhos, inclusive a mim, cuja educação foi a que mais lhe custou. Depois de formado comprei, a crédito, uma propriedade abandonada, montei-a com grande sacrifício, formando nela, um pequeno rebanho que me ajudou a criar e educar os filhos. Depois de ter sido deputado federal, senador e governador do Estado, quando regressei do exílio adquiri uma propriedade abandonada no município de São Paulo do Potengi, deste Estado, e, durante alguns anos viajava semanalmente desta cidade numa boleia de caminhão até a sede da-





**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

quele município, onde montava a cavalo para andar vinte e três quilômetros e dormir na fazenda, a fim de, logo ao amanhecer do dia, assumir a direção dos serviços de montagem das benfeitorias da fazenda, na qual construí o maior açude particular do Estado.

Esse trabalho de reconstrução da fazenda empreendi-o e realizei vencendo dificuldades imensas, levantando dinheiro nos bancos, garantido por amigos generosos, conseguindo, depois de muita canseira pô-la em condições de garantir a subsistência de um pequeno rebanho bovino.

Faço esta narração a fim de provar que o criador, no Rio Grande do Norte, é um verdadeiro herói, que, embora desajudado, não esmorece na luta, mantendo de pé uma fonte importante da economia geral e contribuindo para os cofres públicos, a principio pagando, anualmente, o dizimo da produção de seu rebanho e, depois, um imposto também anual e per capita.

Não me envergonho de relatar a minha vida de trabalho áspero e rude, por que entendo que o trabalho dignifica o homem e constitui uma fonte importante de felicidade pessoal para o individuo que o pratica honestamente.

Trago a público esse meu passado para demonstrar e provar que não falo de oitiva do problema da pecuária, ligado intimamente ao da lavoura, porque não é possível desassociar as duas profissões, por depender uma da outra.

Quando disse, em meu artigo anterior, sobre o tabelamento do preço da carne, que essa providência deveria abranger, para ser justa, os preços da forragem, é porque conheço de perto as



**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO

COLEÇÃO  
MS  
SEM

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

dificuldades com que lutam os criadores do Estado, com seus rebanhos reduzidos a menos de um terço, em consequência dos quatro anos de maus invernos que temos atravessado. Não é justo que se imponha o preço de vinte e cinco cruzeiros por quilo de carne de sol, ou de dezoito por quilo de carne verde dos nossos rebanhos, quando a carne de charque de procedência de Estados onde não se conhece a seca, esteja sendo cotada a quarenta cruzeiros por quilo.

Para se preparar, na época atual, um boi para o corte, são necessários pelo menos três meses de trato cuidadoso e com forragem adquirida a preços elevados e trabalhador de salário aumentado pelo próprio governo. Um quilo de torta de algodão está custando dois cruzeiros e vinte centavos e a batata doce, ou a mandioca, imprescindíveis para o tratamento e engorda do boi, estão por preços elevadíssimos.

O caroço de algodão, que já é um subproduto deste, produz, no mínimo, doze por cento de óleo que está sendo vendido a vinte cruzeiros por quilo: a torta, que representa cinquenta por cento na produção, está sendo cotada a dois cruzeiros e vinte centavos; a casca do caroço que representando trinta por cento da produção vende-se a mais de um cruzeiro por quilo e o limpar do caroço paga as despesas com o pessoal e combustível das máquinas de beneficiamento, acrescentando, ainda, que todas ou quase todas as usinas de beneficiamento de caroço de algodão têm sido montadas com empréstimos a juros baixos feitos pelo Banco do Brasil e gozam de isenção de direitos durante um certo



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
YING-TUN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

número de anos, isenção esta que nunca alcançou o nosso criador.

Não condeno a isenção de direitos. Sou, pelo contrário, partidário desse favor para todas as indústrias que forem montadas no Estado. Cito o fato para por em relevo a desigualdade entre o industrial e o criador e a situação precaríssima e de abandono em que este tem vivido entre nós.

Só conhece a dureza da vida do criador e agricultor sertanejo, aquele que exerceu ou exerce essas profissões que, mesmo desamparadas, mantêm a vida administrativa do Estado, inclusive daqueles que, residindo nas cidades, quase sempre exercendo empregos públicos, não perdem ocasião de atirar sobre os ombros dos homens do campo a responsabilidade pela vida cara, que não pode melhorar sem que a produção cresça, seja protegida e possa circular econômica e rapidamente por boas estradas.

É a velha lei, sempre atual e nunca revogada, da oferta e da procura.

(Tribuna do Norte, 11 de Janeiro de 1955).



**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

---

## ***MUNICÍPIOS SERIDOENSES: SÃO VICENTE***

*Juvenal Lamartine*

O Município de São Vicente, constituído do Distrito do mesmo nome e desmembrado do de Florânia, chamou-se Luiza por se achar, certamente, sua sede ao pé da Serra da Luiza e à margem do rio do mesmo nome. Seu fundador foi Joaquim Adelinho de Medeiros, vulgo Cocó, que ainda conheci.

A primeira feira que nele se realizou foi em 1894 e se reuniu debaixo de uma grande e frondosa quixabeira, que ainda ali existe. É uma bela árvore muito viçosa, cuja folhagem era tão espessa que não deixava passar os raios solares.

Quando a borracha de maniçoba teve uma grande procura e foi cotada a preços elevados, a feira da Luiza tornou-se muito animada e para ali convergiam comerciantes de Currais Novos, Florânia, Acari e outros municípios vizinhos, concorrendo esse fato para que o pequeno povoado fundado por Cocó se desenvolvesse rapidamente, se estendendo da margem do rio p/ o alto, onde hoje se encontram as principais ruas, a igreja, o mercado público e os melhores estabelecimentos comerciais.



**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

Mudaram-lhe o nome para São Vicente e com este nome foi criado por lei da Assembléia Estadual o ano passado o novo município, muito pequeno em território, mas com boas probabilidades econômicas.

São Vicente produz, atualmente, boa quantidade de algodão Seridó e bastante legumes e cereais, sobretudo no trecho da Serra de Santana que lhe pertence. A produção de borracha de maniçoba caiu bastante, em consequência das últimas secas que assolaram o Seridó, como também pela diminuição dos preços desse produto. A exploração da pecuária se faz por alguns criadores do município, mas o número de bovinos nele citados está bastante reduzido, como em geral em todo o Estado, em consequência dos anos de grandes estiagens, que forçaram os criadores a se desfazer de parte de seus rebanhos, por falta de recursos de forragens para mantê-los.

Têm-se encontrado no seu território algumas manifestações de minérios, estratégicos, mas não há, até este momento, uma grande exploração desse produto generalizado em todo o Seridó.

A sua população é muito ordeira e eficiente na agricultura, procurando introduzir novos e modernos melhoramentos nos seus trabalhos de lavoura. Como meio de comunicação o município possui, apenas, uma estrada de rodagem ainda não concluída que, partindo de Florânia, passa em sua sede e vai se ligar em Currais Novos à estrada central do Seridó e Natal. Tem, além desta, estradas carroçáveis para o Acari, Cruzeta e Caicó.



**Banco do  
Nordeste**



*O nosso negócio é o desenvolvimento*



FUNDAÇÃO  
FUNGT-JUN ROSADO

COLEÇÃO



MOSSOROENSE



GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

Sua população tem se reduzido muito nos últimos dois anos, pelo êxodo para os Estados do Sul. A causa desse desfalque de tão importante fator econômico é, exclusivamente, o da escassez de chuvas, que reduziu a sua produção agro-pecuária a menos de cinquenta por cento, tornando a vida das classes mais desfavorecidas extraordinariamente difícil, senão mesmo, impossível. Não há, em todo o município, nenhuma obra importante de combate às secas, de modo que o povo tem lutado, desamparado dos poderes públicos, contra este flagelo. Há, entretanto, no território desse município, ótimos lugares para uma série de médios e pequenos açudes, capazes de garantir a permanência de sua população e a conservação do rebanho suficiente para atender às necessidades gerais.

O clima é seco e muito saudável, não conhecendo nenhuma endemia que aflija a população.

Tribuna do Norte, 15 de Fevereiro de 1955.



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

---

## ***AINDA OS NOSSOS VALES ÚMIDOS***

*Juvenal Lamartine*

Tenho, repetidas vezes, me ocupado, nesta coluna, do aproveitamento dos nossos vales úmidos improdutivos e cobertos de pântanos. Na minha plataforma de governo, lida no banquete que me foi oferecido no dia 9 de abril de 1927, eu já dizia:

“É drenando, sobretudo, os vales úmidos e os entregando ao trabalho da agricultura, que conseguiremos combater o impudismo e melhorar as condições econômicas da nossa população rural. Quando as espigas lourejarem, abundantes, nos terrenos hoje cobertos pelos pantanais, a vida e a alegria voltarão aos nossos ricos de tantas belezas naturais.

Uma legislação municipal que regule o trabalho de abertura e conservação dos canais de dessecamento dos vales empancados, forçando a colaboração dos proprietários com os governos estadual e municipal, é uma necessidade que se impõe em benefício do aproveitamento dos terrenos atualmente cobertos de águas estagnadas.

Sendo a drenagem o único meio de valorização dos terrenos há tão longos anos desaproveitados, é justo que os seus proprietários



**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

contribuam com uma taxa razoável para a execução de um serviço de cujos resultados serão eles os mais diretamente beneficiados.”

Nas mensagens que em seguida dirigi à Assembléia Legislativa do Estado, debati a questão mostrando a necessidade de recuperar para a economia do Rio Grande do Norte as férteis terras dos nossos vales, secularmente encharcadas.

Por ocasião da última guerra mundial, o general Cordeiro de Faria, comandante da guarnição de Natal, convocou e presidiu uma conferência sobre o aproveitamento dos vales úmidos, à qual compareceram o Secretário da Agricultura do Estado da Paraíba e o Engenheiro Camilo de Menezes. Convidado pelo referido general, li um trabalho referente ao assunto.

Iniciadas as obras de drenagem dos vales úmidos a cargo de um Departamento criado pelo Governo Federal, e sob a direção do Engenheiro Camilo de Menezes, têm sido cometidos graves erros na execução das obras, resultando na invasão das águas salgadas, e conseqüente inutilização de ótimas terras, que se tornaram imprestáveis até à plantação de forragens.

A imprensa tem apontado os erros cometidos e os prejuízos causados à economia Norte-rio-grandense pelas obras em execução. Aluízio Alves e Eloy de Souza, em recentes artigos, apontaram esses erros e reclamaram providências urgentes do Departamento Nacional de Obras de Saneamento.

O Deputado José Augusto, que tem quase semanalmente ocupado a tribuna da Câmara dos senhores deputados, para reclamar do Governo Federal, em substanciosos discursos, providências em favor do Rio Grande do Norte, acaba de se ocupar, da mesma tribuna,





**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**  
**MS  
SEM**

COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

do saneamento e aproveitamento dos nossos vales úmidos. Em seu discurso, o nosso ilustre e esforçado representante, enumera os principais vales que estão a exigir obras de drenagem, afim de torná-los aptos a uma intensa e remuneradora exploração agrícola.

Sobre o vale do Ceará-Mirim, o mais importante talvez do Nordeste Brasileiro, deu-me a honra de citar a minha opinião, de oposição à construção da barragem sobre o rio, acima da cidade de Taipú, projetada com a finalidade de regularizar suas enchentes e fazer a irrigação do baixo vale. Continuo combatendo a construção dessa barragem, altamente prejudicial ao bom aproveitamento das fertilíssimas terras do vale, pelas razões enumeradas no discurso do Deputado José Augusto.

A solução do vale do Ceará-Mirim está numa drenagem cuidadosa e inteligente de suas terras baixas, completadas por uma série de barragens submersíveis, que devem ser construídas de Taipú até a proximidade de Lages. Essas barragens corrigiriam a grande declividade, no trecho superior do rio, sem impedir que as águas carreassem as matérias orgânicas com que anualmente fertilizam e adubam a parte baixa do vale.

Estou informando, porém, que o principal canal de drenagem do vale está sendo aberto com uma largura excessiva, prejudicial ao acesso das pequenas propriedades, e sem as precauções de uma comporta que impeça a invasão das águas do mar nas grandes marés, como sucedeu no vale de Santo Alberto.

As terras marginais do canal que está sendo aberto já estão sofrendo a influência maléfica da infiltração das águas salgadas. Esta é



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
YING-TUN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

a informação que recebo dos pequenos agricultores da proximidade do canal.

Tribuna do Norte, Natal, 29 de Maio de 1954.

## ***O RIO GRANDE DO NORTE NA ECONOMIA NACIONAL***

***Juvenal Lamartine***

Leio agora a notícia de que se acha em Fortaleza uma comissão de engenheiros para estudar as possibilidades de levar a energia de Paulo Afonso até aquela capital, beneficiando-a com o fornecimento de força abundante e barata e dando ao Ceará a possibilidade de industrializar os seus produtos e, conseqüentemente, de se enriquecer, estabilizando a sua economia. Os cabos condutores de energia passarão, certamente, por sobre o território do Rio Grande do Norte, que continua a ser enteado de mau padrasto, pois além de tudo lhe ser negado, têm sido daqui retirados os seus elementos de processos e de vida, sofrendo, desde a revolução de 30, uma *capitis diminutio* progressiva, como se houvesse o propósito de apagá-lo da comunhão brasileira.

De início, retiraram daqui, além de locomotivas e vagões, muitos quilômetros de trilhos, que se destinavam ao prolongamento da Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte, começada há 46 anos e ainda hoje com pouco mais de 100 quilô-



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

metros em tráfego, não obstante haver sido projetada como obra para a solução urgente do problema das secas. Enquanto isto prolongou-se rapidamente um ramal da rede da Viação Férrea Cearense, que penetrou na Paraíba, contornou o Rio Grande do Norte e chegou, dentro de poucos anos, à cidade de Patos, naquele Estado, com o fim determinado de desviar os nossos produtos para fora do nosso Estado. Agora é o prolongamento de um ramal de Guarabira ao Picuí, nas portas do Seridó, com o intuito claro de encaminhar o nosso algodão e o nosso minério para o Estado vizinho, já largamente beneficiado por uma rede de estradas de rodagem boa, bem conservada e orientada para suas praças comerciais, ao passo que as nossas poucas estradas são mal conservadas, insuficientes e erradamente orientadas.

O Rio Grande do Norte é o Estado de maior produção, no Nordeste, de minérios estratégicos e possui os melhores portos da região, mas o Laboratório de Análise Mineral foi instalado em Campina Grande, forçando a saída dos nossos minérios pela Paraíba, para cuja capital foi transferido deste Estado o 2º Distrito de Obras Contra as Secas, não ficando aqui nem uma secção para atender os interessados.

Não obstante haver sido, pelo engenheiro Henrique de Novaes, projetadas e estudadas importantes barragens neste Estado, depois de 30 só uma dessas barragens foi construída, de modo que o Rio Grande do Norte só tem capacidade para armazenar, em seus açudes públicos, 218.000.000 de m<sup>3</sup> d'água, enquanto que a Paraíba armazena 1.762.000.000 e o Ceará 1.034.000.000. Se tudo isso que alego e que pode ser facilmente



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

constatado não revela um descaso ou um propósito do D.N.O.C.S., eu não sei a que atribuir semelhante atentado à nossa economia. Por que motivo recaiu sobre a nossa terra, tão pacata, povoada de gente ordeira, que tem o direito de ser tratada em pé de igualdade com suas irmãs brasileiras, essa excomunhão maior?

É possível que me oponham, como contestação às minhas afirmativas, a alegação de que vai ser construído o açude de Gargalheiras. Mas este açude vem confirmar o que eu digo, porque se não fosse o peso da autoridade técnica do eminente e pranteado senador Henrique de Novaes, sua construção não seria, sequer, objeto de cogitação do D.N.O.C.S., que o condenara, sob a alegação de não ter abundantes terras a irrigar, como se já tivesse construído um metro de canal para irrigação em nosso Estado. É exemplo disto o Cruzeta, construído há mais de 20 anos, e com a capacidade de 31.000.000 m<sup>3</sup> d'água, em cuja bacia de jusante está a Estação Experimental de Algodão do Governo Federal, situada a menos de um quilômetro da barragem e que, até esta data, não foi beneficiada com um metro de canal para a irrigação de suas terras.

A bacia do Gargalheiras foi desapropriada antes da primeira guerra mundial. Ali foram montadas instalações de elevado preço, depois desmontadas e transportadas para outros Estados, em prejuízo da economia do Rio Grande do Norte, que há mais de vinte e cinco anos já podia estar sendo beneficiado com a produção desse importante reservatório d'água. Além das vazantes e do peixe, que podiam alimentar a população pobre do mu-



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
YING-TUN ROSADO**

COLEÇÃO **MS** MOSSOROENSE  
**EM**

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

nicípio, nos anos de escassez de chuvas, o Gargalheiras ainda pode fornecer 5.000 H.P. de energia, utilizando-se suas comportas, força esta suficiente para a iluminação de Currais Novos, Acari, Cruzeta, Carnaúba, Jardim do Seridó e Parelhas e abastecer d'água boa a cidade do Acari. Não posso ser acusado de estar tecendo fantasias. As grandes barragens dos Estados Unidos se pagam da importância nelas despendidas em 15 e 20 anos só com o aluguel da energia produzida pelas comportas de suas barragens. A maior represa do mundo, que é a Boulder Dam, sobre o Colorado, aciona usinas, cuja capacidade é de 1.034.800 kw, e que rendem oito milhões de dólares por ano e já tem contratos, nesta base, até 1987.

O meu intuito, relacionando esses fatos prejudiciais ao nosso desenvolvimento e progresso é o de chamar a atenção de nossos governos, representantes federais, a imprensa do Estado e suas associações de classe para eles. Não podemos prosperar quando tudo se nos tiram, como se tem feito numa insistência satânica.

Tribuna do Norte, 30 de Maio de 1950.



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

## ***A INFLUÊNCIA DO PADRE NA VIDA POLÍTICA E SOCIAL DO SERIDÓ***

*Juvenal Lamartine*

No Seridó, ao contrário de outras regiões do Brasil, não foi o bacharel, mas o padre, que moldou a vida política e social daquela zona. A influência do padre Brito Guerra, que morreu como Senador do Império. Filho de Caraúbas foi, logo depois de ordenado, nomeado vigário encomendado para Caicó, em 1802. Homem inteligente e de muito espírito público, fundou um curso de latim e francês, sob sua direção gratuita, o que exerceu uma imensa influência, educando a mocidade de então, não só nas letras clássicas, como na boa moral e nos bons costumes.

O Senador Brito Guerra dirigiu as aulas de latim e francês até sua morte, interrompendo, apenas, durante os trabalhos legislativos do Senado. Muitos de seus discípulos seguiram a carreira eclesiástica e se constituíram outros tantos centros de influência social e política. Entre outros, citamos o padre Joaquim Felix de Medeiros, seu continuador na direção política do município, até que, por sua morte, a chefia do partido liberal, no Seridó, passou a José Bernardo; o padre Tomaz de Araújo Pereira, neto do To-



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

maz de Araújo e que foi por mais de 50 anos vigário do Acari, sempre muito acatado e prestigiado; o padre José Modesto, que foi vigário de Granito, no interior de Pernambuco; mas que depois residiu, por largos anos, no Seridó, no meio de sua família; o visitador Fernandes, de grande prestígio em todo o sertão do Estado; os padres Justino, Rafael Fernandes, Crispiniano, Manoel Joaquim e outros mais, que depois de ordenados permaneceram no Seridó, na direção das Freguesias e Capelanias em contato diário com o povo, que orientavam.

Até há poucos anos, os bacharéis que existiam no Seridó, nas funções de Juizes de Direito, Juizes Municipais e Promotores, eram filhos de outros Estados. O bacharel que tentasse a advocacia não poderia viver, porque todas as questões eram resolvidas amigavelmente pelos chefes políticos, verdadeiros patriarcas interessados na harmonia das famílias, todas elas ligadas entre si por estreitos laços de parentesco. Os chefes eram apoiados e tinham sua autoridade e prestígio reforçados pelos padres, quase sempre seus parentes e amigos, e que saíam em desobriga, todos os anos, visitando todas as fazendas para confessarem as pessoas em idade de confissão, inclusive os escravos. Vi um rol de desobriga do próprio punho do padre Brito Guerra, feito em 1807, com a relação de todos os proprietários do Seridó, idade, estado civil, incluindo os escravos. Esse contato íntimo com o povo dava ao padre uma autoridade muito grande, exercida sempre do modo benéfico, a ponto de tornarem raros os delitos contra as pessoas e contra a propriedade.



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

---

Esse prestígio dos padres era reforçado pelas visitas anuais, que fazia ao Seridó, o padre Rolim, fundador e diretor do Colégio Cajazeiras, na Paraíba, que ainda hoje tem o seu nome. O padre Rolim era um homem de grande cultura e de virtudes exemplares, respeitado e querido em todo o sertão. O padre João Maria, que nasceu no município de Caicó em 1848 e estudou latim e francês na Escola fundada pelo padre Brito Guerra, sofreu a influência em sua formação moral desse ambiente sadio que, embora muito diluído hoje ainda se faz sentir no Seridó, porque a boa educação se transmite de geração a geração.

A influência do bacharel na vida social e política do Seridó se fez sentir muito mais tarde nos últimos anos da Monarquia, com a propaganda abolicionista e republicana. Dessa influência me ocupei em outro trabalho, quando estudei a vida dos que tiveram papel mais saliente nessas campanhas.





**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

---

## ***A CRIAÇÃO DE GADO MIÚDO – CABRA E CARNEIRO***

*Juvenal Lamartine*

A criação de cabritos é uma das mais rendosas e que menos cuidados exige, dada a sua resistência ao meio nordestino, às moléstias, à facilidade de alimentação, ao valor de sua carne, de sua pele e do leite para a alimentação das crianças e fabricação de queijos.

O Brasil possui o maior rebanho de cabras da América e um dos maiores do mundo; mas a criação é feita de maneira extensiva e do modo o mais empírico possível. O criador de cabras não dispensa nenhum cuidado ao seu rebanho, que se cria e cresce a lei da natureza.

A cabra prefere, para sua alimentação, as leguminosas e as folhas de quase todas as árvores e arbustos, as gramíneas, de que são ávidos os carneiros. Alimenta-se rapidamente e depressa satisfaz seu apetite, de maneira a se prestar admiravelmente para a criação em pastoreio nos lugares de campo escasso. São contra-indicados para sua criação os lugares baixos e úmidos, por-



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

que adoecem facilmente dos cascos, atacados de frieira. O curral onde as cabras dormem deve ser construído em lugares enxutos, com declive para o escoamento da urina e remoção do esterco, que é um adubo muito rico, e ter uma vasta cobertura de telha, onde elas se abrigam das chuvas.

A cabra, quando se habitua, salta com facilidade as cercas dos roçados de plantação e causam sérios danos à lavoura, sobretudo do algodão. Isso concorre para que certas Prefeituras municipais adotem medidas drásticas, proibindo erradamente a criação de cabras dentro de uma certa zona. A cabra pode ser criada mesmo nas zonas intensamente agricultadas, uma vez que sejam adotadas medidas garantidoras da lavoura, entre as quais a mais salutar é a do pastoreio, tratando-se de rebanho de um certo número de cabeças que torne difícil a criação presa, como se pratica nos brejos paraibanos. De todos os animais de criação, a cabra é o mais fácil de ser criado em pastoreio, pela sua docilidade e facilidade de adaptação a qualquer gênero de tratamento do rebanho. Ademais, a cabra em pastoreio, ou criada intensivamente, deixa resultado econômico muito superior ao da cabra criada extensivamente, como geralmente se pratica entre nós. Não se faz o aproveitamento do leite e perdem-se muitos cabritos novos, devorados pelos gatos selvagens e pela bicheira, que sempre se manifesta no umbigo do animal recém-nascido. Os queijos de leite de cabra são muito apreciados e bem cotados no mercado.

A pele da cabra do sertão do Nordeste é a mais apreciada nos mercados consumidores, pela ausência de parasitas e pela



**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

influência que sobre ela exerce o clima seco. Infelizmente, nem todos a tratam convenientemente, pois muitos a estendem sobre a terra quente para secar, o que as prejudica enormemente, pois quando levados ao curtume mofam de modo a se tornarem imprestáveis. A pele, logo que é retirada do animal, deve ser espichada com varas postas de preferência do lado do cabelo e secas levantadas no chão.

A cabra criada em chiqueiros higiênicos ou em liberdade, dormindo no campo ao ar livre, perde o cheiro desagradável que têm sua carne e o seu leite, além de raramente ser atacada pela verminose dos ruminantes.

A nossa cabra é de porte pequeno e dá pouco leite, mesmo porque poucos são os que o exploram. É aconselhável melhorar o nosso rebanho. Temos uma boa cabra no sertão de Pernambuco, que é a moxotó, de porte um pouco maior do que a nossa; mas é aconselhável introduzir boas raças leiteiras, de preferência originárias de países de clima quente, para que sua adaptação se faça com mais facilidade. A anglo-nubiam é uma ótima cabra para leite e corte; mas é exigente e pede alimentação rica e tratamento cuidadoso, sob pena de regredir, quando cruzada com a nossa cabra, ou definhar e morrer, o que é ainda pior.

Na aquisição de reprodutores caprinos para o nordeste, devemos preferir sempre as raças de climas quentes e secos que encontrem aqui um ambiente pouco diferente do em que vivem no seu país de origem.

Criação de Carneiros – A criação de gado ovino é feita entre nós para carne e pele. Não exploramos o seu leite para quei-



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
YING-TUN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

jo, como na Europa, como o queijo roquefort de cheiro desagradável, mas muito apreciado nas boas mesas. Não podemos igualmente criar o carneiro para a exploração da lã, porque o nosso clima é absolutamente impróprio. O melhor carneiro é o de pelo curto, que suporta muito bem o nosso clima quente. Temos mesmo o carneiro de Morada Nova, de pelo curto, como o de cabra, recomendado pelos zootecnistas para o sertão nordestino. Os exemplares que tenho visto e que já criei são de porte muito pequeno, mas isso é fácil de corrigir por uma seleção cuidadosa.

Os rebanhos de carneiros crescem mais rapidamente do que os de cabras, mas o carneiro é mais exigente e mais sujeito às moléstias e menos rústicos. Em compensação, sua carne é mais saborosa e mais apreciada do que a do cabrito. É sempre encontrada na mesa do fazendeiro do interior como auxiliar da carne de vaca, e é por essa razão que todos eles criam um pequeno rebanho para a sua dieta diária.



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
VINGT-UN ROSADO**  
**MS  
SEM**

**BRASIL**  
**UM PAÍS DE TODOS**  
**GOVERNO FEDERAL**

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

---

## ***O COMÉRCIO DO RIO GRANDE DO NORTE***

***Juvenal Lamartine***

A propósito do artigo sob o título “O Comércio do Rio Grande do Norte”, que publiquei na tribuna de 10 deste mês, recebi do Sr. Militão Chaves, um dos comerciantes mais adiantados e inteligentes desta praça, a carta seguinte, que transcrevo com prazer, para em artigo subsequente, comentá-la:

Natal, 18 de janeiro de 1951.

Prezado Amigo Juvenal Lamartine.

Há alguns dias tivemos oportunidades de ler substancial artigo do ilustre Amigo, publicado na “Tribuna do Norte”, em que ventilou aspecto curioso da situação de atraso em que se encontra o desenvolvimento industrial do nosso Estado, atribuindo esse lamentável fato à falta de iniciativa dos homens de dinheiro que, em nossas terras, poderiam voltar sua vistas para o desenvolvimento industrial que o progresso econômico do nosso Estado tanto reclama.



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

Perscrutando, porém, de maneira objetiva, as causas reais do nosso atraso econômico, somos compelidos a discordar do ilustre coestaduano para defender a tese de que a iniciativa particular, em nosso Estado, tanto quanto possível, tem contribuído, quase que exclusivamente, para o desenvolvimento das suas fontes de produção.

Se aos homens do nosso Estado não foi possível concretizar a instalação de fábricas de tecidos e outras de alto interesse para todas as classes que laboram nos diversos ramos de atividade produtora, também não foi a elementos de outras Unidades federadas que aqui vieram com tal objetivo vendo afinal frustradas sua intenções. Note-se, porém, que tanto na capital como em vários municípios do interior surgiram inúmeras fábricas de beneficiamento de algodão e algumas refinarias de óleos, indústria viável às possibilidades financeiras das Empresas do Estado, cuja contribuição ao desenvolvimento de nossa economia prescinde de qualquer referência especial.

É verdade que se pode censurar o comportamento de filhos do Estado que aqui enriqueceram e que se transplantaram para o Sul do País, onde passaram a desenvolver as suas fortunas. Mas isto ocorre em todos os Estados e em todo o mundo. Poderíamos citar muitos exemplos, como o Banco Aliança, do Rio de Janeiro de propriedade de paraibanos, inúmeros arranha-céus de propriedade de pernambucanos, usinas no Estado do Rio, de propriedade destes e daqueles e uma seqüência de fatos que atestam essa tendência expansionista, que caracteriza a mentalidade dos homens capazes.



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**  
**MS  
SEM**

COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

---

Há, contudo, a ressaltar o fato desastroso de cidadãos estrangeiros que acorreram à nossa praça, na vigência da passada guerra, pressurosos, naturalmente, de aqui fazerem fortunas, o que conseguiram sobrepondo-se às Organizações locais, conduzindo infelizmente para outros centros toda a fortuna acumulada nesse período, em detrimento da terra que lhes deu essa oportunidade.

Se essas fortunas tivessem tido aplicação em atividades industriais, certamente não estaríamos a reclamar a precariedade de nossas condições, nesse particular.

Permitimo-nos chamar a atenção do respeitável coestaduano para os conceitos emitidos em seu artigo, no qual classifica de “comércio suicida” o do nosso Estado.

Para começar, nos propomos focalizar particularmente o ramo de estivas, vez que, quanto aos outros apenas conhecemos superficialmente.

Nesse ramo, o comércio de nossa praça leva desvantagens evidentemente, decorrentes, todavia, de situações muito alheias à mentalidade dos seus profissionais. Não é porque os comerciantes de Natal sejam careiros que se vende em Natal certos produtos por preços superiores aos de Campina Grande; o motivo é outro. São as condições topogeográficas desta região do Nordeste que criam essa diferenciação de possibilidades comerciais entre a grande praça comercial de Campina Grande e a Capital do Rio Grande do Norte.

Se cotejarmos as distâncias dos parques industriais de Pernambuco, Alagoas e Bahia, além dos da própria Paraíba, em



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FUNG-TUN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE



[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

relação à praça de Campina Grande, encontraremos somente neste fato motivo suficientemente esclarecedor das diferenças de preços pelas diferenças de fretes das diversas mercadorias neles produzidas.

Se atentarmos para as possibilidades de aquisição das grandes Empresas de Campina Grande, em cuja praça, podemos asseverar, existem Organizações com capitais muitas vezes superiores aos das mais prósperas Empresas do nosso Estado, também aí encontraremos outro motivo que justifica certas diferenças constatadas.

Enquanto que somente uma firma da Paraíba faz aquisição de mil fardos de charque de uma só vez, pagando-se à vista na própria charqueada, em nossa praça os lotes mais volumosos adquiridos não ultrapassam o número de cem, sob a condição de 60 dias de prazo.

Enquanto que naquela mesma praça firmas Importadoras de farinha de trigo fazem aquisição direta desse produto na América do Norte, em quantidade de cinquenta mil sacos, aqui é apenas de cinco mil sacos a quantidade máxima que a mais próspera Empresa pode comprar.

Enquanto que, na Paraíba, o próprio Governo e seus Secretários de Fazenda procuram canalizar para os seus portos de escoamento produtos originários dos Estados vizinhos, para aumentar-lhes as divisas cambiais, os industriais e os produtores do nosso Estado, sem menor censo de solidariedade à terra que lhes dá a riqueza, desprezam o porto de Natal e o de Mossoró,





**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

para entregarem a outra Unidade econômica as vantagens decorrentes dessas operações.

E nossa agência do Banco do Brasil vê-se rebaixada de primeira para segunda classe, enquanto as nossas Organizações comerciais passam meses e meses a receber, desiludidas, respostas negativas da Carteira de Exportação e importação do Banco do Brasil, aos seus pedidos de Licença de importação, e isto naturalmente pela deficiência de divisas ocasionadas pelos motivos expostos.

Para poderem suprir às poucas requisições de consumidores que ainda acorrem aos seus Estabelecimentos, essas Organizações vêm-se na contingência de adquirir das praças de Recife e João Pessoa, produtos que seriam vendidos com diferenças superiores a 30 e 40% se pudéssemos contar com divisas cambiais indispensáveis à importação direta.

Vale salientar, por oportuno, que não é generalizada a hipótese de aquisição de mercadorias em Campina Grande por preços inferiores aos de Natal. Em muitas oportunidades o nosso comércio tem vendido para aquela praça, entre outros artigos, aqueles importados diretamente das fábricas do Sul, em condições de igualdade.

Tem-se verificado, pois, vendas de cervejas, bebidas, fósforos e outras mercadorias, por parte de nosso “careiro” comércio ao “barateiro” de Campina Grande.

E quando necessitamos, em contingências especiais, de aquisição de gasolina e querosene, como ocorreu ultimamente, não tivemos a felicidade de encontrar naquela progressista praça



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

comercial o espírito de liberdade proclamado por tantos, pois que o censo de oportunismo, tão justamente combatido pelos homens públicos, ressaltou na exigência de preços exorbitantes da gasolina que estava sendo reclamada para abastecimento da nossa Capital.

Será que cabe ao comércio de Natal a culpa de vender querosene e gasolina a preços superiores aos de Campina Grande? Não. Os preços desses dois produtos são fixados para cada região, em todo o País, pelo Conselho Nacional do Petróleo.

Se ao comércio de Natal não foi possível uma sobrevivência em moldes equivalentes ao comportamento do comércio de Campina Grande, no que se relaciona com a prática dos preços baixos, também não o foi a firmas procedentes daquela e da praça de João Pessoa, que aqui se instalaram em diversas épocas, não sobrevivendo aos rigores da situação ambiente.

Citaremos: Andrade & Araujo, Samuel Galvão, F. Reis & Cia., da Paraíba e Sodeco (Usina Catende) de Pernambuco, que aqui se estabeleceram e constataram por experiência própria as dificuldades insuperáveis de nossa praça. Todas essas Organizações deliberaram fechar os seus estabelecimentos em Natal e volveram ao ninho antigo...

Importa dizer que a discriminação de rendas dos nossos Orçamentos é algo responsável por aquela situação. As nossas incidências são mais onerosas desde a rubrica de "Vendas e Consignações" até a de "Indústria e Profissões", tudo isso contribuindo para agravar o preço da mercadoria.



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
YING-TUN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

---

Resta-nos por consequência concluir que o que nos ocorre é o fato da pobreza comercial; é a falta do sentido de compreensão econômica de articulação harmoniosa entre as classes produtoras e o Governo, numa tangente de orientação básica em prol do aproveitamento das próprias riquezas do Estado, a fim de evitar que estas, em lugar de servirem para o seu enriquecimento, se canalizem para aumentar a riqueza dos que já são ricos.

Somos, portanto, de opinião que a crise é de orientação e não de mentalidade. O nosso comércio não é, pois, um “comércio suicida” e, sim um comércio pobre. Do amigo que muito o preza.

a) Militão Chaves

Tribuna do Norte, 31 de Janeiro de 1951.



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
YING-TUN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

---

## ***IMPORTÂNCIA SOCIAL E ECONÔMICA DO AÇUDE***

*Felipe Guerra*

Não é possível suprir o solo com água para irrigação, se não se dispuser esse elemento. Urge, pois, que haja água, para seu fornecimento, sempre que necessário.

Faz-se preciso que o Nordeste seco tenha água disponível para suas necessidades, que, aliás, não se apresentam somente as secas. A vida normal da região reclama igualmente esse suprimento.

Passados os quatro meses do “inverno”, só as terras naturalmente úmidas, como o leito dos rios, lagoas, etc., podem oferecer capacidade para produzir. Necessário é, portanto, que o trabalho do homem transforme terras ressequidas em terras aptas à produção, fornecendo-lhes a necessária irrigação.

Para o Nordeste, o meio mais fácil, mais simples, para a consecução desse suprimento, tão essencial à sua economia, é o açude, e a açudagem. O açude é um prolongamento do inverno, nos anos normais; e um “inverno”, nas crises das secas.



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

---

A incerteza das precipitações aquosas exige que o sertanejo do Nordeste não se descuide, por sua previdente indústria, de ter à sua disposição esse único elemento que, nas crises, poderá transformar em produtora uma região que, de outro modo, seria forçada a ser mera consumidora. Há curtos períodos de chuvas, mais ou menos abundantes. Algumas vezes excessivas. Muitas vezes irregulares. É preciso regularizar, dirigir as águas.

Apesar do desenvolvimento que apresenta a pequena açudagem sertaneja, pode-se dizer que as águas das chuvas ainda não são captadas, para reservas e aproveitamento, nos períodos de estiagem normal e de secas. As águas das chuvas escoam-se, em sua quase totalidade, pelos rios, pelos riachos, pelos córregos.

Parece-nos que não há exagero em afirmar que quase todas as águas que as chuvas derramam nos sertões do Nordeste são levadas ao mar. É ainda tão diminuta a quantidade conservada nos reservatórios, naturais ou artificiais, que não merece confiança qualquer cálculo que se possa fazer.

Nas longas e calamitosas estiagens, a vida vegetal da região está morta ou adormecida, em espécie de hibernação... pela seca, entorpecida, o açude é uma célula viva, resistindo ao mal ambiente, de tal maneira que gera um núcleo de população maior ou menor, contorne o seu valor. Esse fenômeno, aliás, já se pode notar no desenvolvimento normal da vida rural do sertão das secas.



**Banco do  
Nordeste**



*O nosso negócio é o desenvolvimento*



FUNDAÇÃO  
FUNGT-UN ROSADO

COLEÇÃO

MS  
SEM

MOSSOROENSE



UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

O açude localiza a população e com essa localização vem o seu desenvolvimento que, por sua vez, traz a escola, conforme, felizmente, já se observa no Rio Grade do Norte.

É preciso desconhecer por completo o Nordeste para por em dúvida a urgente necessidade de construção de açudes. Aliás, esse desconhecimento do Nordeste é atestado pela leitura da maioria das publicações que a ele se referem, sem excetuar relatórios oficiais daqueles que têm tido o encargo de trabalhos e estudos da região.

É muito comum ler-se a palavra “deserto”, com referência ao Nordeste, apesar de dados demográficos atestarem que essa região é possuidora de população mais densa e de maior crescimento demográfico do que a de quase todos os outros Estados da União.

O analfabetismo, na linguagem desses detratores do Nordeste, é avassalador. O atraso, a rotina, desconcertantes... Felizmente, é sempre possível opor a tais conceitos o testemunho de nobres espíritos que sabem observar e têm amor à verdade.

O Dr. Washington Luiz, quando percorreu o nosso Estado, declarou: “Não posso, em vista do que presenciei, deixar de congratular-me com o povo norte-riograndense pelas suas ótimas disposições morais e seu incontestável progresso material”.

Ainda agora se lê na plataforma com que o Dr. Julio Prestes se apresenta ao sufrágio do eleitorado nacional, a afirmação de que, segundo dados estatísticos fornecidos pelo Ministério da Agricultura, em São Paulo é maior a percentagem de colonos alfabetizados procedentes do Nordeste, de que aquela oferecida



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

pelos colonos austríacos, lituanos, sinos, portugueses, espanhóis, italianos. É muito significativo esse confronto, entre o malsinado Nordeste brasileiro e essas populações de velhas e civilizadas nações da Europa.

Hoje, mais do que outrora, tem o Nordeste necessidade de fixar sua população, tanto quanto possível. Tendem a desaparecer os encantamentos de algumas regiões do país, que atraíam correntes emigratórias, em busca de rápida e ilusória fortuna. Quer ao Norte, quer ao Sul, a vida econômica se vai normalizando, a todos oferecendo as mesmas facilidades, os mesmos embaraços, os mesmos tropeços, onde todos poderão vencer ou ser vencidos, conforme a aptidão e o esforço individual.

Se o Nordeste tem secas, outras regiões têm impaludismo, geadas, lepras... As crises econômicas, por toda parte, podem sobrevir. O Nordeste, porém, sofre periodicamente as terríveis secas, que ocasionam crises agudas de efeitos tão desastrosos quanto imediatos. Exigem remédios urgentes. Não vindo esses, o que sempre tem acontecido, invariavelmente, a calamidade assume proporções trágicas. Delas esta cheia a história do Nordeste.

O açude, a irrigação do solo, é o único meio de evitar que, durante a seca, estéril e improdutivo permaneça o solo, que poderá ser transformado, durante a calamidade, em fonte de produção e trabalho.

Nos anos normais, a açudagem incrementa o trabalho e a riqueza particular, sendo, portanto, um fator valioso para a economia da região.



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
YING-TUN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

---

Não há muitos anos, todos os produtos da cana consumidos no sertão do Estado eram comprados nos Brejos paraibanos, ou Cariri, do Ceará. Hoje, grande parte desses produtos é oferecida em pleno sertão. Segundo estatística apurada em 1926 pela nossa Inspetoria Agrícola, existiam em 12 municípios do sertão seco do Estado, 320 engenhos, maiores e menores para beneficiamento da cana, movidos uns à força mecânica e outros à força animal. Quase todos esses engenhos são localizados em açudes.

Desde 1891 temos desenvolvido essas idéias e argumentos em várias publicações, acompanhadas de dados estatísticos, publicações que não são desconhecidas no Estado.

Já nesse ano, 1891, escrevendo sobre o problema das secas no Estado, publicávamos: Dá-se a emigração quando absolutamente não há procura de trabalho. O proprietário de um açude, para explorar seus terrenos, tem necessidade de empregar grande número de trabalhadores; daí, a procura do trabalho, e conseqüentemente a localização de centenas de pessoas, que, sem essa fonte de trabalho, seriam forçadas a abandonar seus lares.





**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

---

## ***AS SECAS DO RIO GRANDE DO NORTE***

*José Augusto*

Em artigos na imprensa desta capital procurei deixar demonstrado, e acredito tê-lo feito à evidência, o caráter nacional e não simplesmente regional do problema das secas do Nordeste.

Mostrei também ter a questão dois aspectos: um orgânico, de conjunto sistemático, dependente de um plano geral que precisa ser traçado inteligentemente e executado por partes, paulatinamente, e na medida dos recursos de que pudermos dispor, começando-se pelos serviços de mais urgência e utilidade, que serão auxiliares dos que tiverem de ser realizados posteriormente, e outro de emergência, imediato, a ser encarado já e já, para que possa atenuar com a possível eficiência os calamitosos efeitos da seca que está manifestada, com as características sombrias de que dão notícia os despachos e informes, absolutamente verazes, que todos os dias nos chegam dos vários pontos do Nordeste brasileiro.

Os remédios para essa última feição do problema, o Sr. Ministro da viação tê-los-á descoberto na sua excursão pela zona



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

flagelada e só pode consistir em uma grande série de obras disseminadas pelos pontos atingidos, a fim de localizar os trabalhadores disponíveis e impedir o seu êxodo, por todos os títulos, nefasto.

No programa definitivo de combate às secas, devem colaborar quantos têm capacidade e idoneidade para fazê-lo. A engenharia nacional possui grandes nomes, alguns dos quais conhecendo muito bem a questão, ou por serem filhos da região interessada, ou por nela haverem trabalhado e vivido, ou ainda por se terem apaixonado pela questão, por motivos vários, provocadora do interesse e do exame dos grandes espíritos.

Sampaio Correia, Piquet Carneiro, José Luiz Batista, Henrique de Novais, Ayres de Souza, André V. de Rebouças, Souza Brandão, Pereira da Silva, entre muitos outros, são grandes conhecedores do problema, e podem colaborar na elaboração de um plano sério que o governo pretenda traçar. Mesmo fora da engenharia, há muito quem possa informar a administração pública sobre as legítimas necessidades do Nordeste, no que entende com sua grande causa. Aqui mesmo, posso referir os nomes de três estudiosos do assunto, a que se tem dedicado apostolamente, e são Felipe Guerra, Eloy de Souza e Ildefonso Albano.

De mim, confesso a minha falta de competência técnica para indicar soluções, mas o meu coração de filho da terra, tantas vezes sofredora e mártir, e o meu empirismo, animam-me a dizer no que se refere ao Estado em que tive a fortuna de nascer, O Rio Grande do Norte, que o problema de suas secas estaria resolvido no dia em que os governos, federal, estadual e municí-



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
SEM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

país, e a iniciativa privada, conjugados, tivessem conseguido realizar as seguintes obras:

a) Conclusão das estadas de ferro de Mossoró e Central do Rio Grande do Norte, até entroncarem com a via férrea que está atravessando os sertões paraibanos, rumo ao Ceará.

b) Construção de estradas de rodagem nos municípios não servidos pelas linhas férreas, a que aquelas devem se ligar nas estações mais próximas.

O Rio Grande do Norte já possui uma excelente rede carreteira, que assim ficaria completa.

c) Conclusão do porto de Natal e obras de dragagem nas barras de Areia Branca, Macau e Canguaretama, cujos portos têm função econômica relevante, mas prejudicada pelo abandono em que se acham.

d) Construção das grandes barragens projetadas e mais de outras de tipo médio, como o açude Itans, cuja utilidade e importância econômicas são indiscutíveis.

e) Construção pelo regime do prêmio e da subvenção, do maior número possível de açudes pequenos.

f) Barragens submersas nos vários anos secos. Essas barragens já estão ensaiadas no Nordeste, com grande proveito.

g) Poços tubulares e artesianos em regiões apropriadas, como a Serra Verde e a Serra do Apodi. Em Serra Verde foram construídos alguns e o resultado foi que, dentro de pouco tempo, a zona que não produzia um quilo de algodão passou a dar mais de um milhão de quilos por ano.



**Banco do Nordeste**  
O nosso negócio é o desenvolvimento



**FUNDAÇÃO  
FINGT-UN ROSADO**  
COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

h) Desobstrução do rio Ceará-Mirim e de outros rios no litoral norte-riograndense, para permitir a utilização agrícola dos vales úmidos e fertilíssimos que são atravessados por esses rios.

j) Plantio em larga escala dos “cactus”, opuntias, palmas, que não precisam de chuvas e que servirão de forragem para os gados nas épocas das secas.

j) Prática da fenação e desenvolvimento de silagem.

k) Obras completas no vale do Açú, de acordo com o plano Henrique Novaes.

l) Disseminação das caixas Raiteisen, bancos populares, cooperativas etc.

m) Educação econômica nas escolas primárias, procurando mostrar aos alunos o dever que assiste a cada norte-riograndense de colaborar com os governos, federal ou locais no combate sem tréguas ao maior inimigo da nossa terra, que é a seca, etc.

Com essas medidas e com outras que os mais competentes poderão sugerir, acredito que o Estado do Rio Grande do Norte poderá assistir impavidamente aos efeitos de qualquer seca e se transformará em um dos mais felizes trechos do território pátrio.

O programa é vasto, demanda muito esforço e muito dinheiro, mas, como disse, pode e deve ser executado aos poucos, nos limites das nossas possibilidades, e com a colaboração de todas as forças administrativas e da iniciativa privada.

Se levado a efeito, podemos afirmar que terá sido a verdadeira redenção econômica do Rio Grande do Norte, um dos trechos melhores da nossa Pátria.



**Banco do  
Nordeste**  
*O nosso negócio é o desenvolvimento*



**FUNDAÇÃO  
VINGT-UN ROSADO**

COLEÇÃO **MS  
EM** MOSSOROENSE

**BRASIL**  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

---

[www.colecaomossoroense.org.br](http://www.colecaomossoroense.org.br)

Rio, Abril, 1932.